



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

DENIS RENAN NOJOZA MOURA

**MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: COMPARTILHANDO
EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE RORAIMA**

Boa Vista, RR

2024

DENIS RENAN NOJOZA MOURA

**MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: COMPARTILHANDO
EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Ensino de
História/ PROFHISTÓRIA da
Universidade Federal de Roraima.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Monteiro
de Souza

Boa Vista, RR

2024

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

M929m Moura, Denis Renan Nojoza.

Mídias digitais no ensino de História: compartilhando experiências de docentes da rede pública de Roraima / Denis Renan Nojoza Moura. – Boa Vista, 2024.
86 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Roraima. Curso de História.

1. Ensino de história. 2. Didática da história. 3. Mídias digitais.
4. História pública digital. I. Título. II. Souza, Carla Monteiro de (orientadora).

CDU (2. ed.) 372:93(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista (UFRR):
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Roraima - UFRR como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Data da aprovação: 26 / 06 / 2024

Banca examinadora:

Orientadora: Dr^a. Carla Monteiro de Souza
Universidade Federal de Roraima – UFRR

Membro externo: Dr. Osvaldo Rodrigues Junior
Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

Membro interno: Dra. Marcella Albaine Farias da Costa
Universidade Federal de Roraima – UFRR

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: O ENSINO DE HISTÓRIA, A INTERNET, AS MÍDIAS DIGITAIS E A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL.....	14
1.1 A PANDEMIA, O ESPAÇO ESCOLAR E O ENSINO DE HISTÓRIA COM MÍDIAS DIGITAIS.....	22
1.2 O ENSINO DE HISTÓRIA DE RORAIMA NA DIMENSÃO LOCAL, PÚBLICA E DIGITAL.	28
CAPÍTULO 2: OS DESAFIOS DO ENSINO COM MÍDIAS DIGITAIS EM RORAIMA	30
2.1 A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E A APROPRIAÇÃO DAS MÍDIAS POR PROFESSORES DE RORAIMA	33
2.2 COMUNICAÇÃO E MANUTENÇÃO DE AUDIÊNCIA PARA CONTEÚDOS DE HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL	41
2.3 DIVULGAÇÃO DAS PRODUÇÕES DE CONHECIMENTO ESCOLAR	45
CAPÍTULO 3: ESPECTADORES, PRODUTORES E OS PRODUTOS DA HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL.....	50
3.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO: O MESACAST <i>PODHISTO!</i>	51
3.2 DESAFIOS E RESULTADOS DO PRIMEIRO <i>PODHISTO!</i>	53
3.3 POSSIBILIDADES PARA A CONTINUIDADE DO MESACAST ACADÊMICO PodHisto!	57
3.4 A PROBLEMÁTICA DE DESMURGET: PENSAR A UTILIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE ESTRUTURAÇÃO PARA UM USO CRÍTICO DAS MÍDIAS DIGITAIS.....	59

3.5 ALGUMAS CRÍTICAS AO MODELO DE FORMAÇÕES CONTINUADAS ONLINE.....	61
3.6 O USO DO MESACAST NO DIÁLOGO ENTRE PROFESSORES DE HISTÓRIA	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
APÊNDICE	73
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	73
JUSTIFICATIVA	74
OBJETIVOS	75
Objetivos específicos:.....	75
REFERÊNCIAS.....	81

AGRADECIMENTOS

“Meu filho, filho de pobre tem que estudar na Universidade Pública”. Esse “mantra” me ajudou a enfrentar algumas das dificuldades, superar limitações e me orientar em momentos que duvidei se era capaz de encarar o desafio da profissão que escolhi. Por esse e tantos outros ensinamentos, agradeço primeiramente à minha mãe, a prof^a. Renata Nojoza dos Santos, que acreditou e investiu em minha formação. Aos meus irmãos, Caio e Santiago, que me acompanharam com muita alegria em todas as situações.

Isabeau, minha companheira, amiga, parceira de todas as horas. Ao cuidado nas noites mal dormidas, ao conforto quando em todas as crises e paciência em todas as adversidades. Obrigado por sonhar comigo e por acreditar. Obrigado fazer acontecer ao meu lado. Te amo.

Agradeço também à prof^a. Dr^a. Ana Lúcia de Sousa, pelo incentivo a me tornar um professor e pesquisador cada vez melhor. Agradeço à minha orientadora, prof^a. Dr^a. Carla Monteiro, que me acompanhou nessa intensa jornada de formação e amadurecimento em minha vida.

Aos amigos Celso, Sabrina, Mateus, Paulo, Yuri, Igor, Elis, Saulo, Hellen, Marcelo, Gabriel, Vyrna, Larissa, e tantos outros que estão ao meu lado nos momentos mais importantes da minha vida. Dedico aos meus professores desde a escola, das duas graduações que passei, até o mestrado. Vocês que me inspiraram o amor da tarefa árdua da docência. Por fim, agradeço aos meus pequenos, meus alunos e ex-alunos, que me ensinam a ensinar. Devo a eles uma parte grande da alegria de ser professor.

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados da pesquisa que teve como objetivo investigar as possibilidades de ensino com mídias digitais utilizadas pelos professores de História de Roraima, considerando as condições e características de cada sala de aula. Para tal, busca entender as reflexões sobre as orientações teórico-metodológica articuladas por professores ao utilizar essas possibilidades e a relevância destas para o Ensino de História, analisadas a partir de Luiz Mauro Sá Martino, de Jörn Rüsen e das contribuições de Luiz Fernando Cerri, considerando ainda a importância da cultura escolar discutida por Maria Auxiliadora Schmidt e as contribuições para a Didática da História na perspectiva de Oldimar Cardoso. O desenvolvimento desta pesquisa, no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História, analisa a importância da produção do saber histórico escolar, compreendendo produções “públicas-digitais” em sua relação com as metodologias da ciência histórica, como pontua Serge Noiret. Neste ponto, visa compreender o uso das mídias digitais, antes e depois do período em que o ensino semipresencial foi instaurado para a manutenção das aulas durante a pandemia de covid-19, entre 2020 e 2022. Analisamos a utilização desses meios entrevistando professores de História do estado de Roraima, atuantes no Ensino Fundamental 2, e suas perspectivas sobre as mídias digitais no processo formativo e importância na produção e publicização do saber histórico em sala de aula a partir de atividades desenvolvidas nos modelos de ensino presencial e remoto.

Palavras-Chave: Ensino De História; Didática Da História; Mídias Digitais; História Pública Digital.

ABSTRACT

This work presents the results of research aimed at investigating the possibilities of teaching with digital media used by History teachers in Roraima, considering the conditions and characteristics of each classroom. To this end, it seeks to understand the reflections on the theoretical-methodological orientations articulated by teachers when using these possibilities and their relevance to History Teaching. These reflections are analyzed based on Luiz Mauro Sá Martino, Jörn Rüsen, and the contributions of Luiz Fernando Cerri, also taking into account the importance of school culture discussed by Maria Auxiliadora Schmidt and contributions to the Didactics of History from the perspective of Oldimar Cardoso. The development of this research, within the scope of the Professional Master's Degree in History Teaching, analyzes the importance of the production of school historical knowledge, understanding "public-digital" productions in their relationship with the methodologies of historical science, as pointed out by Serge Noiret. In this context, it aims to understand the use of digital media before and after the period when hybrid teaching was implemented to maintain classes during the COVID-19 pandemic, between 2020 and 2022. We analyzed the use of these media by interviewing History teachers in the state of Roraima, working in upper primary education (grades 6-9), and their perspectives on digital media in the formative process and its importance in the production and dissemination of historical knowledge in the classroom through activities developed in both in-person and remote teaching models.

Keywords: History Teaching; Didactics of History; Digital Media; Digital Public History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Notícia “Professora é afastada após abordar livro de Conceição Evaristo em aula”	12
Figura 2 –Notícia “‘Ataques em escolas estão ligados ao neonazismo’ dizem especialistas” 16	
Figura 3 – Gráfico 1	27
Figura 4 – Gráfico 2	34
Figura 5 – Gráfico 3	34
Figura 6 – Gráfico 4	35

INTRODUÇÃO

Sob o aumento dos debates sobre Ensino de História, há uma necessidade de construção analítica, entendendo a complexidade da tarefa educativa, isto é, os desafios de estar em sala de aula. Dentro dessas complexidades, pautamos nossa pesquisa em compreender os sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, que são agentes ativos em sala de aula, para perceber algumas características que contextualizam as perguntas mais abstratas postas nesta introdução.

Entender o Ensino de História atualmente perpassa, muitas vezes, por entender as características culturais do tempo de cada aluno, mas também de professores e professoras. A maneira como se ensina, conhecendo de ensinar, de História e de quem se ensina, impele os sujeitos do conhecimento que assumem o posto de professor, a procurar conhecer elementos culturais do tempo presente para buscar, no meio das diversidades dos alunos, despertar interesse nas temáticas. O interesse, a facilidade de acesso a conhecimentos e outras possibilidades dentro da lógica dos alunos, pode incentivar a novas buscas e produções de História autônomas por parte dos alunos. Considerando o contexto digital presente no cotidiano da juventude nesta segunda década do século XXI, existe uma possibilidade de acesso a infinitas possibilidades de aprender e produzir conhecimento histórico.

No entanto, o discurso que tem predominado e é entoado por professores e pais sobre uso de internet no ensino, demonstram uma percepção de que os meios digitais em questão, são ambientes virtuais danosos e de natureza inóspita. Em parte, pode-se afirmar que há dificuldades, como a regulamentação que ainda se encontra em processamento, proporcionando assim, um espaço que apresenta diversos perigos como, por exemplo, a divulgação de uma “ciência” realizada por falsários, disseminação de informações noticiosas e/ou notícias falsas. Não é totalmente errado o entendimento de que os ambientes digitais têm se apresentando enquanto plataforma pública voltada, muitas vezes, ao lazer e a interação pública de sujeitos, com possibilidade de exploração mercadológica. Muitas vezes, os articuladores dessa política organizativa da internet, que lucram da exploração desses meios, isentam-se de proporcionar qualquer reflexão que leve os usuários a uma utilização crítica. Há uma disputa de interesses públicos e privados em plena contenda, no que se refere a regulamentação. Os interesses do lucro em

confronto aberto com a necessidade de cumprimento de algumas garantias fundamentais, no sentido de garantir que, em nome da tão propalada liberdade de expressão, o exercício

dessa liberdade não fira a liberdade de outras pessoas ou grupos, principalmente em questões referentes a diversidade de credo, cor, orientação sexual, nacionalidade etc. Um campo em que essa disputa se manifesta com força é o campo político partidário, que tem provocado discussões importantes, inclusive, no que diz respeito a escrita da História ou a propostas de revisionismos infundados sobre eventos como a Ditadura Civil-Militar no Brasil ou sobre a escravidão de africanos no Período Colonial.

Considerando a liberdade de cátedra, o/a professor(a) pode sim escolher produzir ou não conhecimento que se aproprie de mídias digitais divulgadas na esfera pública digital. Da mesma maneira, é importante que este ou esta, esteja ciente de que seus alunos possivelmente conhecem e utilizam de alguma forma discursos de História produzidos e publicados nestes meios. Mas há uma diversidade discursiva que se apropria da História e, muitas vezes, rivaliza com o que o professor trabalha com seus alunos em sala de aula.

Partindo deste contexto, é necessário refletir sobre as percepções e produções de professores, ao propor atividades de História que utilizem de possibilidades de ensino utilizando mídias digitais e História Pública que fomentem debates formativos e acadêmicos no campo do ensino com certa constância, visando fortalecer e aproximar uma rede de discussão sobre o uso e apropriação de mídias digitais e produção de saberes de História Pública.

Portanto, neste trabalho foi realizado, uma análise das contribuições do uso de mídias digitais no Ensino de História, para entender a perspectiva dos professores atuantes no ensino público do Estado de Roraima, sopesando as atividades realizadas antes e depois das medidas de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19. Para tanto, logo após o exame de qualificação, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima.

Para isto, foram realizadas três etapas, iniciando uma discussão sobre a utilização das mídias digitais, percebendo o Ensino de História, e as possibilidades nas dimensões pública e digital. Num segundo momento, alguns professores foram submetidos a um questionário online, publicado no Google Forms, intuindo aprofundar essas percepções no cenário do ensino público de Roraima, buscando entender a relação dos professores com a possibilidade Didática de utilização de mídias digitais e História Pública no Ensino de História. Diversos aspectos permitiram compreender uma maneira de trabalho, que sofre uma mudança na manutenção das atividades de sala de aula durante a pandemia.

Por fim, aprofundamos a discussão a partir da produção de um Mesacast nomeado *PodHisto!* voltado para professores que tenham interesse nas discussões de Ensino de História e mídias digitais. Nesta etapa do trabalho, foram detalhadas algumas potências percebidas na produção do processo, mas também as dificuldades que a proposta apresentou.

As dificuldades encontradas na produção do mesacast, no entanto, puderam ajudar a compreender e refinar a proposta inicial para propor novas ideias e garantir a manutenção funcional do projeto, alinhando o interesse de manutenção das discussões e incentivando professores a trabalhar esse recurso como aliado a didática, mas também produzindo conhecimento acadêmico sobre essas experiências. O interesse é fomentar reflexões sobre as práticas de ensino de História com mídias digitais que produzam discussões acadêmicas, e incentive possibilidades em salas aula do Ensino Fundamental.

O interesse na produção desta pesquisa teve início de antes das experiências como professor do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental em Roraima. Nos últimos anos da graduação em História, fui parte do programa da CAPES, chamado Residência Pedagógica da Universidade Federal do Ceará. A Escola Técnica, onde fui professor-residente, localizava-se na região metropolitana de Fortaleza. As experiências vivenciadas naquela ocasião, no que se refere as dificuldades de encaixar o trabalho como professor-residente no cotidiano dos alunos, as observações e as atividades de regência de sala de aula, apresentaram algumas resistências da direção da escola, dificultando que as atividades pudessem seguir do mesmo modo que as outras escolas que também haviam recebido o programa. Para manter as atividades, e garantir um contato com os alunos de maneira interativa, mas com um contato construído em sala de aula, os residentes produziram um podcast e divulgaram entre os alunos como uma alternativa. Em parceria com os professores residentes e amigos Celso Ramos e Natana Maia, algumas atividades puderam ser realizadas fora do horário comum de aula, garantindo as atividades da Residência Pedagógica e um espaço a mais de debates sobre História entre os estudantes.

Juntamente a Celso Ramos, o projeto de comunicação com jovens interessados em estudar História visando o Exame Nacional do Ensino Médio (o ENEM) e coorientações em uma das edições da Olimpíada Nacional de História do Brasil, se manteve após o final das atividades da turma de residentes, e gerou um podcast chamado “*Fomos Obrigados*”, que tinha interesse de falar de História e Música para um público-alvo que estivesse cursando o Ensino Médio, e que buscasse estudar História de maneira

mais descontraída, nos deslocamentos do transporte público da Grande Fortaleza ou de outras cidades. O projeto, ainda em processo de estruturação, produziu um episódio-piloto sobre “Revolução e Música Cubana” e uma outra sequência sobre “Era Vargas e o Samba”. Mesmo com uma boa estrutura de projeto e uma infinidade temática para ser debatida, o podcast entrou em hiato devido a pandemia, a mudança que fiz do Ceará para Roraima, além da rotina de trabalho, que dificultou o investimento em tempo hábil para a produção dessas atividades. Mesmo com a dificuldade, os bons resultados da experiência e os aprendizados foram levados para a produção de atividades de mídias digitais em sala de aula. O que instigou a procurar compreender como os professores de História de Roraima entendiam essas possibilidades no Ensino Aprendizagem de História.

O primeiro capítulo propõe uma apresentação sobre a contexto da internet, mídias digitais, Ensino de História e História Pública Digital. Nessa parte do trabalho, debatemos os conceitos principais que embasam e orientam teoricamente a pesquisa. Contextualizando a internet, apresentamos um entendimento sobre quais os sentidos do Ensino de História e como podem ser articulados pelos alunos ao aprender História através do aprendizado e produção em plataformas públicas digitais. Disto, podemos debater o ofício dos professores de História, ao ensinar buscando incentivar um entendimento sobre ensino e criticidade.

O segundo capítulo inicia uma articulação dos resultados primários do questionário aplicado visando compreender o entendimento dos professores de História de Roraima, a partir dos conceitos discutidos no primeiro capítulo. Os debates deste capítulo visam compreender a percepção dos professores sobre as produções de História Pública Digital e as atividades de ensino desenvolvidas em sala de aula utilizando a metodologia.

O terceiro capítulo busca relacionar os dados coletados nos capítulos anteriores com o desenvolvimento de um episódio de mesacast chamado *PodHisto!* com temática do Ensino de História e mídias digitais, pensando em possibilidades de construção de atividades formativas que partam do envolvimento direto de professores. A partir das experiências vivenciadas na pesquisa e pelos professores ao longo do processo, pudemos pensar em um projeto de uma atividade para aperfeiçoamento das discussões sobre o Ensino de História e mídias digitais.

CAPÍTULO 1: O ENSINO DE HISTÓRIA, A INTERNET, AS MÍDIAS DIGITAIS E A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL

O trabalho do professor, no início da segunda década do século XXI, convive com uma série de peculiaridades que são, em grande parte, resultantes do consumo em larga escala de mídias digitais, uma característica do tempo presente que necessita de análise e debates detalhados. É importante reiterar esta afirmação, à medida que o modelo de registro documental atualmente sobrevive na lógica da digitalização. Para a produção de conhecimento e para as reflexões inerentes a uma relação constante de construção, análise e reconstrução, própria da Didática da História, é que entendemos a importância da produção de registros dos saberes, práticas, ideias e pontos de vista.

A ideia de um tempo histórico com uma expectativa de “futuro melhor,” que de algum modo está presente no senso comum e é, muitas vezes, veiculada nos discursos jornalísticos, necessita uma análise crítica profunda, visto que seus fundamentos trazem distorções profundas. A reflexão sobre esse ponto inicia este trabalho, à medida em que o *high tech* surge para a Educação como uma alternativa de progresso, um discurso que vincula a produção tecnológica e de mídias como melhorias inevitáveis.

Esta crítica ao discurso de progresso tecnológico, se ramifica das leituras essenciais realizadas durante o processo formativo do Historiador, em particular, da leitura de Marc Bloch, que, em meio a todas as dificuldades de acesso a seus referenciais teóricos, em decorrência da perseguição do regime nazista aos judeus na França, produziu a *Apologia da História* (2001). No estudo de Bloch, são discutidas as problemáticas do ofício da História enquanto ciência que estuda as ações e construções dos seres humanos através do tempo. Este entendimento aparece na atualidade, vislumbrando a existência de mídias digitais com as mais variadas formas de registro, para a disseminação de informações e conhecimento. Também, assim como no tempo de Marc Bloch, pode-se considerar a pseudociência que fomenta mentiras mal-intencionadas daqueles que projetam um futuro que enseja curvar a escrita da História aos seus interesses controversos.

Martino (2011), ao dissertar sobre as “comunidades virtuais”, conclui que estas são capazes de eliminar a barreira do espaço, fazendo com que alguns grupos (muitas vezes propagadores de discurso de ódio) possam se aproveitar da arquitetura das mídias, ou seja, da estrutura e organização das mídias digitais, “para encontrar quem compartilhe

de sua visão da realidade” (MARTINO, 2011 p. 46). Estes sujeitos que não se portam ideologicamente com notável diferença àqueles com quem Marc Bloch conviveu, mas representam grupos que, geralmente, demonstram um domínio ímpar sobre as potencialidades da internet, colocando em prática um projeto que só interessa a disseminação de desinformação a ser politicamente explorada. O ambiente escolar sofre recorrentes ataques à liberdade de cátedra, com projetos que fantasiam um ideal de imparcialidade no ensino de História. A ideia de imparcialidade, defendida por esse campo político, se propõe em atacar a diversidade do pensamento, principalmente quando questionam, de discussões relevantes para a sociedade brasileira e para compreensão de processos históricos, como por exemplo, podemos ver na matéria a seguir:



A escritora mineira Conceição Evaristo
Imagem: Arte/UOL

Professora é afastada por livro de Conceição Evaristo: 'Silenciamento'

Kelly Ribeiro
Colaboração para Universa
22/11/2021 13h55

Às vésperas do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, a cidade de Salvador (BA) registrou um caso de racismo dentro do ambiente escolar. Uma professora de História do Colégio Vitória-Régia, no bairro Cabula, foi afastada de uma de suas turmas por abordar o livro de contos "Olhos D'água", da escritora mineira Conceição Evaristo.

A justificativa: parte dos alunos considerou a linguagem da obra imprópria. Os estudantes afirmaram que não gostariam de lidar com uma dor que não é deles. O caso vem se desdobrando desde setembro, mas ganhou repercussão na última sexta-feira (19), após a divulgação de uma nota de esclarecimento por parte da instituição.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/11/22/professora-e-afastada-apos-abordar-livro-de-conceicao-evaristo-em-aula.htm>. Acesso 17/11/2023.

Buscando legislar em suas próprias causas, os grupos em questão atuam em posição de ataque contra a prática de ensino. Um exemplo que pode ser citado é a um projeto de lei PL 867/2015 apensado ao PL7180/2014, busca incluir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação a proposta popularmente conhecida como "Escola sem Partido". Esta proposta vem ganhando força quando ao ser disseminada por grupos políticos de direita ou extrema direita. Este movimento tem, de forma explícita, a pretensão de cercear o discurso científico de professores, com o intuito de fazer prevalecer sua opinião conservadora, aquém da ciência e de evidências históricas, muitas vezes, com sujeitos afirmando-se como cientistas, filósofos ou, de forma simplista, adotando uma postura de “porta-vozes” da “verdade” (SILVA, 2016). É importante mencionar essas práticas recorrentes de criminalização, pois em consonância com os episódios de censura, e de ameaças físicas e psicológicas, há uma divulgação de saber “alternativo”, que ressoa como um eco aos ataques à produção de saber, e é amplamente divulgado nas mídias digitais, em diversos canais, como por exemplo o *Brasil Paralelo*.

O canal da *Brasil Paralelo*, como todo canal no YouTube, se utiliza da plataforma para criar um público consumidor de seus conteúdos e produtos. Suas práticas digitais midiáticas, visam o seu próprio lucro. Enquanto que (como vamos ver) a defesa realizada pelo canal de um específico projeto político conservador no Brasil, declaradamente anticientífico, apenas é posta

em prática como um modo rápido de produção de reações e afetos digitais-econômicos em seus espectadores. (SILVA, 2021. P. 86)

Muitas vezes, a veiculação desses discursos nas redes utiliza a História como fachada para disseminar saberes com pouco ou nenhum embasamento científico.

Diante do exposto, é fundamental afirmar de forma contundente que essa neutralidade é impraticável. A “neutralidade” no ensino de História aprisiona a criticidade na “naturalização” de processos violentos em qualquer temporalidade. Isto é, a ideia é “docilizar” o processo de ensino aprendizagem, em prol de uma manutenção da “ordem” estabelecida por quem quer ser hegemonia, muitas vezes, aquém de elementos factuais (GEMELLI, 2020. p. 292). No entanto, o cultivo da divergência a ser utilizada de forma construtiva e crítica pode e deve ser incentivado no ensino de História. Para tentar entender a produção de conhecimento escolar, bem como os meios de disseminação de informações na internet, é fundamental discutir possibilidades de registrar digitalmente a produção de conhecimento que fomente debates para professores e pesquisadores de História, assim, entendendo os objetivos intrínsecos à existência da internet.

Para elucidar essa questão, podemos citar o funcionamento de uma rede de interesses de econômicos, orientada pela organização estratégica das grandes empresas de tecnologias que dominam a internet atualmente, as “Big Techs”. Recentemente, uma campanha foi propagada por meio de plataformas, como a Google Inc., entre outras “Big Techs” contra o Projeto de Lei nº 2630/2020 que, segundo sua ementa

Estabelece normas relativas à transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, sobretudo no tocante à responsabilidade dos provedores pelo combate à desinformação e pelo aumento da transparência na internet, à transparência em relação a conteúdos patrocinados e à atuação do poder público, bem como estabelece sanções para o descumprimento da lei. (VIEIRA, 2020)

A campanha veiculada, tratava o projeto de lei em questão como “PL da censura”, rivalizava com o projeto de lei, argumentando que o texto fere o direito à liberdade de expressão. Vale ressaltar que há o incentivo algorítmico que alguns canais que propagam desinformação recebem. Além, é claro, de fomento econômico de suas plataformas de produção de informações

Desse modo, um importante apontamento para a análise do funcionamento de plataformas e canais digitais, é de que o espaço online não é um espaço neutro

ou isento de relações de poder. O gerenciamento dessas empresas de mídias digitais, das interações e dos conteúdos ali reproduzidos, mesmo quando produzidos por agentes individuais, é pautado pelos seus próprios interesses econômicos e do funcionamento de seus algoritmos de programação. (SILVA, 2021. P. 85)

Este exemplo demonstra um pouco da finalidade da internet atualmente, que é apropriada e planejada, com interesses políticos, praticando intervenções nas movimentações de mercado. Ao mesmo tempo, é possível perceber que se mantém as possibilidades basilares aparentes nos primórdios da internet, e em sua potencialidade – que, ao debruçarmo-nos em sua História, poderemos perceber na sua função prática inicial.

A “Arpanet”, uma rede antecessora da internet, por exemplo, foi criada durante o período da “Guerra Fria” na tensão entre estadunidenses e soviéticos com a intenção de viabilizar uma rede capaz de armazenar e recuperar informações mesmo após ataques nucleares. Para além da necessidade de manutenção de informações, atualmente a Internet serve ao seu propósito de explorar o trabalho e possibilidades econômicas do armazenamento e do acesso a informações. As plataformas de redes sociais, amplamente utilizadas na atualidade, requisitam um acesso quase irrestrito, de informações captadas de seus usuários. Podemos afirmar que o armazenamento de dados é a representação da origem da internet, mas sua lógica mais atual, consiste na circulação de informações e utilização de dados que servem aos interesses mercadológicos empresariais (BRITO DE JESUS, 2014 p. 14).

Apesar de uma utilização voltada à movimentação econômica, é possível compreender uma permanência, advinda da potencialidade de armazenamento e propagação de informação, como por exemplo, o Google Acadêmico; o funcionamento da internet, facilitando contato entre pesquisadores de diferentes locais e oferecendo a possibilidade de acesso fácil à textos acadêmicos, de diversos bancos de dados disponíveis na internet. A pesquisa científica também ganha esses recursos de desenvolvimento, que podem facilitar a comunicação entre pares e a divulgação de novas produções. Assim, a proposta de firmar uma “ocupação segura” da internet depende da utilização de suas possibilidades em produções de conteúdo científico orientado ou simplesmente utilizando produções de historiadores, nesse espaço público de divulgação

da ciência histórica, é de extrema importância para entender a construção que é própria da História da internet. Como afirma Rovai:

Desta forma, público e privado se confundem, o primeiro sendo apropriado muitas vezes por interesses do segundo, por associações empresariais e partidos, também por movimentos sociais, pela militância e por comunidades, o que pode representar possibilidades de democratização, mas também manipulação de informações. Não quero afirmar, mais uma vez, que a história pública seja a salvadora dos conflitos e a criadora de consensos; pelo contrário, deve servir às controvérsias, evidenciando territórios e interesses particulares e coletivos (ROVAI, 2020. P. 13)

Dentre as diversas funcionalidades dessa “ocupação segura” de espaço que as mídias digitais tem, podemos citar uma delas é como “alternativa”. Isto é: objetiva pautar categoricamente uma contraposição firme aos discursos negacionistas e revisionistas que são propagados e patrocinados nas plataformas online. Nesse campo, podemos encontrar desde reforço às lógicas mais corriqueiras da organização de consumo e filiação a discursos ideológicos associados a crimes de ódio e negação da História como ciência. Também são veiculadas ideias ligadas a distintos grupos políticos e promovem debates em diversos graus de profundidade e relevância para os grupos que se formam e convivem consumindo os canais. Encontramos desde um vasto conteúdo de incentivo ao empreendedorismo e reforço de uma lógica de meritocracia, até o discurso de ódio alinhado a ideias de extrema-direita nazifascista sendo propagado nas redes. Na imagem a seguir, essa questão é tema de debates:

Ataques em escolas estão ligados ao neonazismo, dizem especialistas

Da Agência Senado | 05/05/2023, 14h34



Saiba mais

➡ Especialistas defendem cultura da paz para enfrentar ataques em escolas



➡ Debatedores defendem cultura da paz para prevenir violência nas escolas

Proposições legislativas

PL 2.256/2019

A sociedade civil, o governo e as plataformas digitais precisam determinar formas efetivas de combater a disseminação do discurso de ódio que tem fomentado a explosão de violência nas escolas. Esse foi o alerta dado por especialistas que participaram, nesta sexta-feira (5), de debate na Comissão de Educação (CE) sobre o PL 2.256/2019, que estabelece diretrizes para garantir a segurança nas escolas.

Para a presidente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubtes), Jade Beatriz, o poder público, incluindo as forças repressivas, precisam investigar articulações entre a onda de ataques recentes, que vitimaram alunos e professores, com a atuação de grupos neonazistas no submundo da internet.

— Não podemos desvincular a disseminação do discurso do ódio que tem havido nos últimos anos, com o resultado concreto que temos visto, que são grupos supremacistas articulados na internet e nas plataformas, ou na deepweb, e organizam esses ataques. Além da vigilância na internet e nas redes sociais, é preciso ver que é um problema político também, como a onda de ataques e ameaças que houve em abril. Não são casos isolados, é preciso uma investigação mais profunda para detectar as ligações desses grupos que fazem ataques e ameaças, com grupos armamentistas e do que a sociedade convencionou chamar “gabinete do ódio” — disse Jade.

Tanto ela, como a senadora Teresa Leitão (PT-PE), que conduziu a audiência, disseram que são contra a presença de seguranças armados ou políticas de vigilância excessiva no ambiente escolar, por entenderem que este tipo de ação fere o caráter pedagógico e inclusivo que as escolas devem ter. Ambas defenderam o reforço de estratégias que valorizem a diversidade cultural e o combate ao racismo e à discriminação de grupos sociais, a exemplo de indígenas e LGBTI+, como estratégias mais eficazes para a cultura de paz nas escolas.

Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/05/ataques-em-escolas-estao-ligados-ao-neonazismo-dizem-especialistas>. Acesso: 17/11/2023

Em contrapartida, conseguimos encontrar também conteúdos consistentes veiculados por grupos de resistência antirracista, defensores dos direitos das mulheres, grupos de resistência pela igualdade de gênero ou defensores dos direitos civis de pessoas LGBTQIAP+, ou de grupos políticos associados com a defesa dessas pautas, muitas vezes, identificada como antissistema ou anticapitalista, que sejam de origem socialista, comunista ou anarquista. Estas são algumas perspectivas que comunicam através das diversas linguagens informativas presentes na *web* atual. Publicadas utilizando *vlogs*, essas informações podem ser ou são resumidas, intuindo expor as pesquisas sobre os temas em vídeos de três a cinco minutos; ou opiniões em redes sociais com “caracteres” limitados num “fio” (do inglês, *thread*); ou condensadas nas diversas camadas comunicativas de *memes*.

Adolescentes em idade escolar de modo geral convivem com esse fluxo intenso e acelerado de informações. Tem sido comum se deparar com alunos que tem uma convivência desde a mais tenra infância com mídias digitais, que demonstram o domínio dessas possibilidades já nos primeiros contatos que são feitos com um/uma professor/a Historiador/a. Os alunos, que já chegam com uma bagagem informativa advinda do acesso acelerado ao conteúdo veiculado na internet, serão iniciados nos primeiros conceitos articulados pelos historiadores e a partir de então farão os primeiros debates sobre a ciência dos seres humanos no tempo, discutindo, descobrindo o passado e o presente em diversos tipos de fontes históricas e percebendo os movimentos de permanências e rupturas a partir do estudo de algumas civilizações do passado. Muitos referenciais cotidianos desses alunos poderão ser encontrados em ambientes virtuais e a partir daí, será possível para o aluno começar a experienciar o ato de “entender as coisas como uma construção de duração própria” (CERRI, 2011 p. 59) e desta forma, tem possibilidade de interagir criticamente sobre elas. Esse processo formativo objetiva que o aluno se compreenda como agente da História e perceba sua importância no tempo.

A apropriação de uma metodologia tecnologicamente informatizada passa a ser uma possibilidade ao aluno e uma construção ao professor. A utilização dos referenciais cotidianos destes alunos surgirá em diversos momentos ao discutir os conteúdos programáticos. Nesse momento, há de se considerar que uma parte dos estudantes convivem em ambientes virtuais, consumindo uma grande parcela de conteúdos produzidos pelos ditos *influencers*, *podcasters* ou *streamers*. Esta parte do “mundo virtual”, com outras possibilidades de leitura, necessitam ser entendidas e analisadas como objetos de durações próprias e que esses alunos e alunas entendam a importância de sua leitura, participação e ação crítica sobre essas produções. Neste processo, a postura do professor instiga o debate que se faz aqui, pois da forma como se faz importante pensar a relevância da utilização de mídias digitais no processo de letramento de estudantes de História percebe-se também a necessidade de pensar as reflexões do professor-pesquisador no processo de ensino aprendizagem, diante das contradições encontradas nesse processo.

A partir deste questionamento, discutiremos aqui algumas perspectivas apontadas por professores da rede pública do estado de Roraima sobre experiências com o uso de mídias digitais no ensino de História. Martino (2014) faz uma breve reflexão sobre a veiculação de informação no contexto das tecnologias de comunicação massivas,

definidas por analógicas e digitais. O autor, na introdução de seu livro em que apresenta autores e debates pertinentes para os estudos sobre mídias digitais, destaca que “em uma mídia digital, todos os dados, sejam eles sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento são, na verdade, sequências de números. Essa característica permite o compartilhamento, armazenamento e conversão de dados” (MARTINO, 2014). Assim, na leitura de Martino, podemos destacar que a decodificação destes dados é interpretada por computadores (ou processadores, considerando que os *smartphones* processam as mesmas informações), mas que as transformações serão conduzidas pelas necessidades socioculturais de determinados grupos. No entanto, as necessidades socioculturais não são um resultado do controle democrático pela comunidade sobre as mídias digitais. Silva (2021), chama atenção para esse fato:

Ainda assim, as mídias sociais digitais não devem ser compreendidas como mais democráticas do que as formas de mídia tradicionais. Isso porque, as decisões de funcionamento, de constituição mecânica dos conteúdos online, de programação algorítmica por exemplo, são tomadas exclusivamente por estas corporações digitais sem a participação regulamentada da sociedade civil. (SILVA, 2021. P. 84)

Isto posto, pudemos perceber com mais clareza o aprofundamento dos interesses privados empresariais sobre o que é veiculado nas mídias digitais, associada às desigualdades sociais e antidemocráticas quando, em 2020 o mundo foi surpreendido pelo espalhamento de uma mutação de vírus conhecido pela humanidade, mas agora, com alto índice de transmissibilidade e mortalidade, o SARS-CoV-2. A estratégia utilizada para barrar a disseminação da Covid-19 foi a instauração de um regime de isolamento social, que perdurou por cerca de dois anos em todo mundo. Estas medidas tiveram um impacto no uso de mídias digitais em diversos campos, mas em particular na educação, à medida que todo o sistema de ensino se viu na necessidade de manter as atividades escolares de ensino remotas, ou seja, realizadas por meios virtuais.

1.1 A PANDEMIA, O ESPAÇO ESCOLAR E O ENSINO DE HISTÓRIA COM MÍDIAS DIGITAIS.

O espaço da escola e a experiência escolar são fundamentais para os professores pois, a partir de uma observação das vivências e de uma construção cultural do ambiente escolar enquanto docente, é possível entender metodologicamente as construções socioculturais escolares. A partir da leitura de Cibercultura de Pierre Lèvy (2010),

pudemos entender a escola construída no ambiente virtual, ao viabilizar uma interligação comunicativa via *web*, propõe a possibilidade de universalização do ensino ao quebrar algumas barreiras, percebendo que a “[...] cibercultura propaga a copresença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional” (LÉVY, 2010. p. 47). Levando em conta a crescente dependência dos meios que interliguem, adaptem ou recriem, culturalmente, uma sociedade “virtual”, ou ciberespaço.

Utilizando as possibilidades de ensino no ciberespaço, discutidas por Pierre Levy (1999) e por Martino (2014), podemos considerar as problemáticas e potencialidades de produções do ambiente virtual em um processo de ensino e pesquisa. Reforçando a relação entre Ensino de História e o uso de possibilidades tecnológicas, vale citar a perspectiva de Cerri, que considera a importância de “[...] conhecer, mesmo que superficialmente, sobre a história das coisas que nos cercam e com as quais interagimos[...]

(CERRI, 2011, p. 59) para que possamos propor meios de significar a atividade de Ensino aprendizagem através da pesquisa no ciberespaço. Para tal, é essencial a manutenção da criticidade sobre o espaço e produção de saber histórico, desde que sejam fomentados em análises e debates sobre essas produções.

Para entender sobre a História no ciberespaço na pesquisa do ensino de História e sobre a utilização de mídias digitais, buscamos possibilidades de compreensão nos diversos debates propostos sobre as Humanidades Digitais. Este campo de conhecimento interdisciplinar, de acordo com Ribeiro e Trindade (2017, p. 4), tem origem em uma cultura de trabalho colaborativo, desenvolvido em contexto de projetos e em torno da resolução de problemas. De acordo com os autores:

Nesse sentido, esta cultura de trabalho colaborativo e interdisciplinar, de vocação global, tanto no acesso à informação, como na partilha de resultados constitui-se como um modelo interessante na abordagem da utilização da tecnologia no ensino e na aprendizagem num momento em que os ambientes educativos se confrontam com o desafio de incorporar de forma eficaz a tecnologia no processo de construção das aprendizagens.(...) esta cultura de trabalho colaborativo e interdisciplinar, de vocação global, tanto no acesso à informação, como na partilha de resultados constitui-se como um modelo interessante na abordagem da utilização da tecnologia no ensino e na aprendizagem num momento em que os ambientes educativos se confrontam com o desafio de incorporar de forma eficaz a tecnologia no processo de construção das aprendizagens. (RIBEIRO; TRINDADE, 2017. p. 4-5)

As discussões de propostas nas mídias para produção em sala de aula, até então, são lidas como uma atividade no meio digital que pode ser realizada em formato de projeto. Este apresenta o potencial de desenvolver um produto de relevância cultural (RIBEIRO; TRINDADE, 2017, p. 4), pensando, portanto, no desenvolvimento de criticidade, no ato de incentivar e orientar os alunos à prática da leitura, pesquisa e análise sobre História. Todavia, a ideia de que as Humanidades Digitais sejam concebidas “visando a criação de produtos culturais, cujo veículo de disseminação são os ambientes digitais e cujo horizonte de consumo se pretende global e de acesso democratizado” (RIBEIRO; TRINDADE, 2017, p. 4) não necessariamente significa que a proposta logre êxito em ser completamente global e, nem de longe possibilitam um acesso democrático, a considerar os interesses do mercado, que dominam esse setor.

Frisamos que um aluno cuja família encaixe-se na denominação de baixa renda ou em uma escola de pouca infraestrutura, dificilmente acessará (ou consumirá) esses meios democraticamente. A nota técnica produzida em 2020 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre a possibilidade de acesso e qualidade da internet nos estados da Federação demonstrou “que uma parcela considerável dos estudantes brasileiros de instituições públicas de ensino não possui as condições necessárias para acompanhar as atividades de ensino remoto propostas durante o período de isolamento social que ocorre durante a pandemia da Covid-19” (NASCIMENTO, 2020, P. 15). Este estudo percebeu que as dificuldades de acesso podem aprofundar as desigualdades sociais na Educação, considerando as características da população de estudantes sem acesso à internet de qualidade, destacando as dificuldades para o acesso e sugerindo uma ação organizada em múltiplas medidas para garantir o acesso e a manutenção das atividades escolares durante o período de isolamento. Outro ponto que chama atenção é o percentual de estudantes do Norte e Nordeste do país sem acesso à internet de qualidade. Esses dados serão discutidos mais adiante neste trabalho. Além das condições de acesso, é necessário que se entenda as maneiras de perceber o ambiente virtual.

Discutir esse campo interdisciplinar como as Humanidades Digitais pode gerar situações de confusão, por nomear uma ampliação de perspectivas investigativas da História no ambiente digital. O impasse é constituído a medida que a análise metodológica dos historiadores formados após as produções da escola dos Annales, consideram uma diversa possibilidade de compreender as perspectivas da História,

escrutinando uma variedade de fontes sob infinitas possibilidades analíticas e multidisciplinares para estudar cientificamente, a ação dos seres humanos no tempo. Assim como afirma Guerreiro e Borbinha:

Esta nova área de investigação e desenvolvimento, transversal a áreas como as humanidades e as ciências da informação e da computação [...], orienta uma parte substancial da pesquisa para a identificação, a definição e a descrição dos métodos, das boas práticas e das normas que o sustentam. O alcance das humanidades digitais ultrapassa largamente a mera transferência do analógico para o meio digital, centrando-se no desafio epistemológico e na articulação com os conhecimentos e os métodos utilizados nas ciências humanas com o mundo digital (GUERREIRO; BORBINHA. 2014, p. 2)

A transversalidade desta área do conhecimento ajuda a compreender as diversas possibilidades comunicativas veiculadas no digital. No entanto, é importante pontuar características fundamentais para compreensão do tempo e duração das coisas criticamente no processo de ensino e aprendizagem. O fazer deste trabalho se debruça sobre as possibilidades educativas veiculados publicamente nos meios digitais. Portanto, consideraremos os saberes da História Pública Digital de Serge Noiret (2015). Na proposta, Noiret argumenta que “devem ser valorizadas as peculiaridades disciplinares da História Digital e as práticas digitais do historiador: a pesquisa de diferentes fontes e as diversas tramas narrativas da *web*” (NOIRET, 2015. P. 32). Para além, compreende que o método utilizado por historiadores já explora, quando analisa as temporalidades, já considera uma diversidade riquíssima de leituras intertextuais e interdisciplinares. Por assim, podemos considerar esse posicionamento no campo do Ensino de História, entende-se do Ensino de História em seu processo de letramento na perspectiva de Lima e Kochhann (2022), visando utilizar elementos para “[...] visualizar a História e construir narrativas não apenas e essencialmente baseadas no texto.” (NOIRET, 2015. P. 32). A ideia da utilização de mídias digitais no Ensino de História aparece mais bem alinhada nesse sentido pois

[...]a história digital, enquanto campo específico dentro da “transdisciplina” das humanidades digitais, não é feita apenas pela utilização de novas ferramentas digitais que facilitam as velhas práticas. Trata-se também do desenvolvimento de uma relação estreita com as tecnologias suscetíveis em modificar os próprios parâmetros da pesquisa. (NOIRET, 2015. p. 6)

Portanto, é necessário entender o “historiador/professor digital” reflexivamente (CERRI, 2010), analisando e ensinando a analisar o tempo e o espaço vivenciados em sua prática. Para que se dê sentido, a afirmação que prossegue no texto de Noiret dá conta de que o “[...] historiador encontra-se apto a levantar novas questões epistemológicas na análise do passado, depois do advento dos meios digitais” (NOIRIET, 2015, p. 6) apoiando-se em quaisquer meios que lhes apeteça didaticamente pois, “constitui-se como um dos elementos basilares no *design* pedagógico, tanto na modalidade presencial quanto online. É através desse mediador não humano que a relação estudante/professor/conhecimento é estabelecida” (MALLMANN, JACQUES, 2015, p. 54).

Na pesquisa em questão, entende-se as mídias digitais enquanto um dos meios de produção e divulgação dos saberes da História, visando o processo de ensino-aprendizagem de História, e considerando a potencialidade da articulação de atividades que utilizem esse meio no ambiente escolar, criando ou fortalecendo espaços de debates que possam proporcionar discussões entre os pares professores/historiadores. As práticas de utilização da História Pública Digital, poderão se apoiar na possibilidade de enriquecer e fomentar o processo de ensino aprendizagem. De maneira geral, perceberemos a influência digital sobre aspectos da cultura dos estudantes, e incentivar outras produções autônomas de História Pública Digital enquanto professores de História, visando explorar a curiosidade, e aguçar a criticidade sobre as mídias digitais, reunindo argumentos em pesquisas e debates que tenha uma relevância histórica na realidade local – ou *Glocal*¹ (NOIRIET, 2015).

Pontua-se aqui que, em que pese a compreensão da importância do uso de recursos didáticos digitais, entendendo que “o recurso didático digital é um mediador não humano que orienta as ações e operações do estudante para a construção do saber.” (MALLMANN, JACQUES, 2015, p. 60-61), sua utilização e de outros recursos

¹ A utilização do termo feita por Noiret tem pretensão de explicar o efeito da velocidade de disseminação de informação em um ambiente “globalizado”, que torna possível se entender alguns processos históricos locais que serão amplamente contextualizados, que descentraliza o entendimento dos processos históricos. De acordo com Noiret, “A virada digital e a rede foram as primeiras a abrir, e logo a responder, às necessidades prementes da sociedade de proteger as identidades, a cultura e as memórias coletivas locais e promovê-las globalmente. Desse modo, a história digital com frequência se tornou também vetor de conhecimento “glocal”. Os fenômenos de globalização atingem assim as identidades locais para as quais as formas tradicionais de narração da história não alcançam um público global. Graças à história digital, com a versatilidade da rede e das tecnologias digitais que permitem promover globalmente um passado comunitário local, a história pública nacional alcança diversos tipos de públicos internacionalmente.” (Noiriet. 2015, p. 42)

tecnológicos, não podem ser compreendidas como “salvadores” ou menos ainda que se construa uma concepção de obrigatoriedade de utilização, pois entender as mídias enquanto recursos didáticos tecnológicos podem proporcionar alternativas didáticas aos professores ao invés de uma dependência inevitável dos ideais representativos de “futuro”. A intenção, portanto, é ensinar História por mídias digitais, possibilitando o entendimento da temporalidade a partir destes meios e estimular a autonomia de pesquisa dos estudantes de História.

O material a ser utilizado deve proporcionar ao aluno o estímulo à pesquisa e a busca de novos conhecimentos, o propósito do uso de materiais concretos no ensino escolar é o de fazer o aluno adquirir a cultura investigativa o que o preparará para enfrentar o mundo com ações práticas sabendo – se sujeito ativo na sociedade. (SOUZA, 2007. p.111)

A manutenção dos debates sobre as tecnologias e suas potencialidades, levanta discussões para que essas possibilidades didáticas se estruturam com o objetivo de construir uma educação transformadora, que busque a superação da (re)produção de uma educação histórica tradicional, uma educação bancária, em que o professor atua como “transmissor” e o aluno como “receptor” do conhecimento (FREIRE, 1996), e de uma História de ídolos e heróis e figuras políticas, ao qual explorar a criticidade não é premissa (BLOCH, 2001).

Ao professor de História cabe a percepção de que, para exercer a atividade de ensino, serão articulados saberes no entorno da pesquisa em História (professor pesquisador). Para tal, Pacheco (2021) compreende a diversidade identitária do professor de História na árdua tarefa de exercer suas funções enquanto professor e pesquisador, incentivando, assim, os métodos de pesquisa e aguçando, em seus alunos, a curiosidade, além da que lhe é própria. Assim, é fundamental ao professor, em um ambiente diverso, em constante mudança ao qual está sujeito, a capacidade de percepção e reflexão sobre os referenciais históricos possíveis.

A partir dessa compreensão, considera-se importante incentivar estudantes a uma apropriação dos métodos de análise históricos e reconhecimento dos espaços, no sentido de buscar as possibilidades didáticas de incentivo e compreensão da História dos seus espaços de referência, a cidade, o estado, o país. No item a seguir, apresenta-se alguns pontos acerca da história e do ensino de História no estado de Roraima. No capítulo 2 e 3 algumas destas questões serão mencionadas pelos professores entrevistados.

1.2 O ENSINO DE HISTÓRIA DE RORAIMA NA DIMENSÃO LOCAL, PÚBLICA E DIGITAL.

Roraima, enquanto estado da Federação, foi criada a partir da Constituição de 1988. No entanto, os esforços que buscavam compreender os processos de ocupação desse espaço mobilizaram uma série de pesquisadores e memorialistas, muitas vezes, confrontando ou reforçando um “discurso oficial”, uma história de “Heróis”. Essas memórias são celebradas (NORA, 1996) nos lugares de memória instalados na cidade de Boa Vista, reforçando um imaginário sobre as migrações, ocupações e disputas de terras.

A História, no entanto, propõe que essas memórias passem sempre por um processo crítico e analítico de reconstrução, de modo que não prevaleça nenhuma “versão oficial” que parte unilateralmente de uma visão “conquistadora” ou soe como uma “ode aos vencedores”.

Para exemplificar, uma das figuras centrais no patrimônio histórico de Roraima é a estátua do Garimpeiro, localizada no centro de Boa Vista, na praça 31 de Março. A homenagem reforça uma construção histórica que parte do processo incentivado no período da Ditadura Civil-Militar de 1964, que visualizou na atividade do garimpo, uma possibilidade de colonização do que chamavam de “espaços vazios”, no estado de Roraima. Os espaços não estavam vazios tampouco e houve um alto custo de vidas de povos originários nessa ocupação.

Reiterando o que foi citado há alguns parágrafos, ensinar História perpassa por incentivar os alunos a entenderem “as coisas como uma construção de duração própria” (CERRI, 2011 p. 59), é interessante ao professor que ele ofereça a seus alunos a possibilidade de compreender outras perspectivas sobre os nativos da terra e dos processos de migração na região, reforçando um discurso além da “História Oficial” rememorada saudosamente ao fazer referência à governantes da Ditadura Civil Militar.

Essa questão robustece a necessidade de uma formação crítica de historiadores e de produção de materiais didáticos que contemplem pesquisas históricas, ouvindo as outras vozes excluídas desse processo. Entendemos, a partir de então, que o processo qualitativo de letramento em História e de um incentivo a autonomia de exercitar a criticidade dos estudantes, depende de uma oferta de possibilidades diversas para realizar leituras e releituras da História, combatendo inclusive, as diversas falsificações da Histórias, citadas anteriormente. Para além dos lugares de memória, outros espaços com

funções educativas também passam por situações que necessitam análise. Tomemos por exemplo o Museu Integrado de Roraima - recentemente “desmontado”, após anos de abandono².

Assim, é importante frisar a característica da História Pública Digital afirmando sua função didática. Pois, não é interessante visualizar esses meios somente como um espaço de divulgação científica, sem considerar os saberes discutidos e trabalhados ao publicar saberes acadêmicos. Portanto, entendendo o processo de escrita e instrumentalização das metodologias da História, o que há de público, inteligível, dessa produção varia da maneira como o discurso será proferido, partindo da definição do público que acessará o(s) produto(s) (MALERBA, 2017). Por conseguinte, o trabalho derivará de uma pesquisa, mas as inferências serão didaticamente realizadas no discurso.

É importante perceber que esse público, seja de alunos ou *internautas*, eles produzem conhecimento e tem plena capacidade de compreensão acadêmica, independentemente de sua formação. No entanto, é imperativo o fazer de uma interação didática que considere o público como protagonista e produtor de conhecimento, não uma tábula-rasa, que recebe o conhecimento passivamente, como nos ensinou Paulo Freire (1996).

Destarte, a formação acadêmica e os métodos científicos aplicados por quem utiliza na pesquisa e no ensino aprendizagem de História, não são (ou não devem ser) um elemento de autoridade máxima sobre o assunto. Mas, de certa forma, articular métodos em um entremeio colaborativo, entre saberes acadêmicos e saberes práticos, adquiridos ao longo da vida devem ser estimados em interações públicas. Nem historiadores academicamente encastelados, nem o público margeando o que há de factual nas produções acadêmicas. Ou seja, também é necessário que se entenda que a História e seus elementos didáticos, não são elementos de hierarquia entre formações ou lugares de produção do conhecimento. Ao mesmo tempo, escrever e pesquisar História não é “fazer

²O destaque da matéria jornalística publicada no portal G1 Roraima, “Único Museu de Roraima é Demolido Após Mais de uma Década de Abandono e Especialistas Lamentam História Apagada”, demonstra a falta de projeto para a preservação dos lugares de memória, e o abandono da História de Roraima praticada por sucessivos projetos governamentais. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/05/18/unico-museu-de-roraima-e-demolido-apos-mais-de-uma-decada-abandonado-e-especialistas-lamentam-historia-apagada.ghtml>. Acesso: 24/07/2024.

qualquer coisa de qualquer jeito”. Considerando os aspectos conjunturais do mundo virtual, não se pode abrir espaço para o negacionismo ou falsários mal-intencionados.

CAPÍTULO 2: OS DESAFIOS DO ENSINO COM MÍDIAS DIGITAIS EM RORAIMA

Iniciamos esse capítulo retratando algumas das angústias características de assumir as tarefas de professor e pesquisador. Reforçamos que não podemos encarar este ponto como simples lamentação, pois se trata de demarcar que essas angústias justificam grande parte do sentido desta pesquisa. Temos, aqui, foco numa análise empírica de professores e professoras sobre o seu próprio trabalho, considerando as perseguições políticas ao direito constitucional de liberdade de cátedra, a aceleração do tempo, consumo desenfreado de informações e desinformações, e outras tantas possibilidades que influenciam diretamente neste ofício. Tais questões não são propriamente novas no ambiente escolar, mas vem tomando uma proporção insustentável nas últimas décadas, no Brasil.

O primeiro ponto a ser discutido dá conta da metodologia utilizada nesta fase da pesquisa. A proposta inicia com a utilização do método conhecido como Bola de Neve (DEWES, 2013) para coletar dados, que possibilita a disseminação de um questionário-base para coleta de informações primárias que, por meio de incentivos, seriam disseminados entre o público e para o público, podendo gerar, na quantificação de informações, um número de informações qualitativas. O próximo passo tomado na pesquisa foi o convite a alguns professores para a participação em uma entrevista para o podcast criado para ser o produto desse trabalho, o “*PodHisto!*”. Os professores foram selecionados seguindo o perfil semelhante ao delimitado para o formulário disponibilizado no apêndice. É fundamental, contudo, conhecer as características do público-alvo definido por essa pesquisa, para tornar o questionário atrativo e disseminável. Eis o desafio: a participação no questionário se torna uma tarefa dispendiosa. Professores atuantes na rede pública de Roraima, têm regime de trabalho de, pelo menos, 30 horas semanais – isto, se não houver outro contrato com outra escola de ensino público ou privado; e muitas vezes estão envolvidos em outras atividades

vinculadas à sua formação continuada, em algum curso, seja de Especialização, Mestrado ou Doutorado; além de outras tarefas cotidianas relativas ao trabalho, como por exemplo, a correção de trabalho e provas. O tempo, que observamos enquanto historiadores, torna-se algo caro, à medida que a dedicação para si próprio é dissociar-se dessa produtividade que, como nos diz Marx (2002) objetifica e materializa o trabalhador da educação num processo conflituoso na relação com os alunos. Sobre essa questão, Silva (2005, p: 105) observa que:

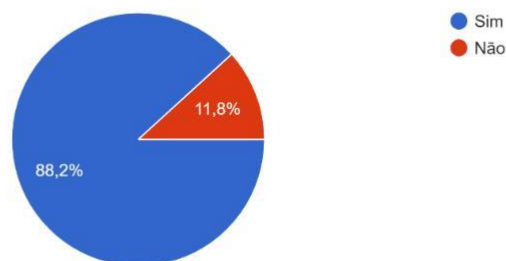
Nesta lógica, o professor, um trabalhador comum, cujos produtos são, num sentido, seus alunos mas na situação em que trabalha, o que faz simplesmente afirma o caráter desses alunos como produtos capitalistas. As relações sociais do aluno e professor são, assim, correlacionadas internamente, havendo uma contradição inerente no caso, porque um professor não é apenas um produtor, mas também um empregado daqueles que desejam reproduzir a sociedade, isto é, seu status quo. (SILVA, 2005. P. 105)

Dessa forma, o desafio de convencer o professor a responder um questionário que lhe fará se aproximar de sua atividade profissional, em situações pouco oportunas de descanso ou deslocamento, pode ser considerado um desafio desta pesquisa. Mesmo com alternativas para a disseminação, utilizando o WhatsApp da empresa *Meta*, enviando um *link* de questionário hospedado na plataforma *Formulários* do Google, não foi possível alcançar o número desejado dentro do tempo estipulado para realização da pesquisa. No entanto os dados gerados possibilitaram uma percepção e diversas significações do uso de mídias digitais no ensino aprendizagem de História em Roraima.

O Formulário disponibilizado no apêndice obteve respostas de dezessete professoras/professores de História atuantes em escolas públicas do Ensino Fundamental do estado Roraima. O questionário contou com perguntas objetivas e discursivas que intencionavam obter informações e relatos sobre a utilização de mídias digitais no Ensino de História, sobre a continuidade ou não dos trabalhos que se valeram desses meios, e as condições materiais e estruturais da escola para a realização dessas atividades.

A questão base, que inicia o questionário, refere-se a utilização de mídias digitais sala de aula:

Já utilizou Mídias Digitais em suas aulas?
17 respostas



aula:

A partir desse gráfico, podemos observar que a maioria dos professores em alguma de suas aulas, afirmam ter utilizado mídias digitais. A resposta positiva, no caso, direcionou o questionário de modo que buscasse um detalhamento sobre as atividades, como os professores avaliam a atividade realizada e se houve continuidade na produção de conteúdo de História a ser divulgado online.

Os dados coletados nas respostas do questionário, do qual a análise mais detalhada será foco de discussão nos próximos tópicos deste capítulo, também demonstram a dificuldade dos professores em fazer a manutenção das atividades propostas utilizando mídias digitais. Dos professores que, ao responder o questionário, afirmaram utilizar mídias digitais nas atividades de Ensino de História, 53,3% relataram não disponibilizar as produções em plataformas online. Uma das respostas deste mesmo questionário, sobre a manutenção e continuidade das atividades em mídias digitais que produzem conteúdos de História, relatou que uma das dificuldades encontradas foi “*O tempo curto entre os bimestres letivos e/ou jornada de trabalho exaustiva.*”.

Esta constatação, alinhada aos relatos que se referem às condições de trabalho e tempo para aplicação de atividades de professores em geral, aponta para o entendimento de que não está inserido, cotidianamente, nas práticas de ensino, o uso das mídias digitais pelos professores. Esse aspecto se sobressai ao considerar a Base Nacional Curricular, e avaliar as possibilidades e quais os sentidos do processo de ensino aprendizagem através da construção de Competências e Habilidades que visam formar o aluno para destacar-se e aprovar-se nas avaliações realizadas nacionalmente, por exemplo, o Exame Nacional

do Ensino Médio. De maneira prática, no que se refere a esta proposta, o professor atua mais objetivamente, não completamente aquém do incentivo a criticidade, mas com uma série de limitações que partem da necessidade de cumprir objetivos. Esses objetivos, dentro da lógica de inserção dos alunos do mercado de trabalho, serão ensinados para uma mera instrumentalização que garanta ao aluno o êxito da aprovação nos vestibulares, bem como, utilizada como meio de divulgação dos resultados quantitativos pela escola ou pelas instituições de ensino.

Isto posto, podemos afirmar que essa característica de uso prático e utilitário do aprendizado não se restringe exclusivamente ao uso das mídias digitais no ensino aprendizagem, porém é nesse aspecto que será mantido o foco da análise: a pessoa na função de historiador(a) e professor(a), no andamento de suas práticas, incentivará os alunos a compreenderem as ações de homens e mulheres no tempo e a transitoriedade de práticas e costumes, aprendendo a visualizar o movimento de permanências e de rupturas. Entendemos aqui, que os professores e estudantes utilizarão as mídias digitais para compreender o tempo presente, além de buscar possibilidades de pesquisa fornecidas por estes meios.

2.1 A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E A APROPRIAÇÃO DAS MÍDIAS POR PROFESSORES DE RORAIMA

É importante considerar, no entendimento das diversas possibilidades de utilização de mídias digitais para o Ensino Aprendizagem de História, que algumas atividades podem gerar produções de conhecimento. Esses produtos, registrados publicamente, tem função colaborativa de alunos e professores, e podem gerar debates que promovam a divulgação de saberes históricos produzidos na escola. Esse processo é fundamental por contribuir com a constituição do que se convencionou chamar História Pública Digital, que pode ser compreendida da seguinte forma:

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública

pode ser definida como um ato de "abrir portas e não de construir muros", nas palavras de Benjamin Filene. (ALMEIDA e ROVAI, 2011, p.7)

Pudemos notar, a partir da leitura das respostas do formulário de questões disponibilizado no apêndice, em que algumas respostas afirmam a utilização de mídias digitais em classe, gerando produtos, que foram publicizados, em um primeiro momento. A partir de então, as atividades seguiram, com novas publicações, temáticas e pesquisas. Outros relatos, dão conta de que, na experiência da pandemia, adotaram as mesmas prática das atividades presenciais em plataformas diversas, como por exemplo, a produção de podcasts ou *e-books*.

A partir da análise de algumas respostas de professores no formulário que foi artifício desta pesquisa, chegamos a um canal no *Youtube* que chamaremos de Canal AY³. Dentre as produções de trabalhos de sala de aula feitos por alunos e orientados por professores, utilizando mídias digitais no ensino de História, destacou-se, na apreciação do canal, o vídeo que se utilizava da plataforma de um videogame, chamado *Minecraft*⁴. Sobre o jogo em questão, interessante perceber que, por não representar o ápice da tecnologia gráfica, o jogo abre uma série de possibilidades de construções e interações com o ambiente. De acordo com Batista (2018) isto se deu na contramão da estratégia de busca por melhorias gráficas, que norteou, por muito tempo, a indústria de videogames (BATISTA, 2018). O *Minecraft* utiliza-se de gráficos mais rudimentares, mas com possibilidade de criar cenários de construções ou cidades inteiras, explorando recursos diversos, utilizando de forma interpretativa as possibilidades de criar, construir e reinterpretar as diversas construções humanas.

A liberdade oferecida pelo videogame possibilitou à professora, que orientou a atividade, bem como aos alunos, que explorassem uma diversidade temática, produzindo vários vídeos nesse modelo.

Observamos a estruturação de dois vídeos em questão: no primeiro, situava-se na Idade Antiga – descrevendo os Acádios, a partir da gravação da tela de jogo, com um

³ Foi decidido não identificar o canal a fim de preservar a identidade das pessoas que responderam o formulário disponibilizado no apêndice, de acordo com os termos do Conselho de Ética da UFRR.

⁴ *Minecraft* é uma marca da empresa Mojang. A empresa Mojang está baseada em Estocolmo, Suécia, desenvolvedora também do jogo *Srolls*. O jogo, em gráficos rudimentares, consiste na criação de um personagem que interage com suprimentos para sobrevivência e construções arquitetônicas, em mapa aberto em que o jogador online interatua com outros jogadores.

áudio sobreposto. O aluno apresenta algumas características culturais dos povos acádios, como religião, produção agrícola, arquitetura, modelo de governo, através da reprodução de construções no jogo que aludem à arquitetura dos Acádios. O segundo vídeo destacado, tinha por objetivo trabalhar o Patrimônio Histórico de Boa Vista, apresentando e recriando alguns pontos de construções que fazem parte da História Local.

O modelo seguido na atividade é baseado no modelo de *vlog* de *gameplay*. A palavra *vlog* é resultado da união das palavras vídeo e blog, “cujo conteúdo principal consiste em uma série de vídeos” e “[...] têm caráter amador e tendem a se tornarem mais refinados com o amadurecimento do vlogueiro nas questões de produção e edição dos vídeos” (BEZERRA; DOS SANTOS, 2014. P. 1). O *gameplay* é um conteúdo do qual o sujeito/jogador/*gamer* comenta e demonstra alguns aspectos do jogo, desde a jogabilidade, possibilidades, detalhes gráficos etc. O *vlog* de *gameplay* indicado na resposta do Formulário disponibilizado no apêndice, dedicou-se à possibilidade de recriar cenários históricos.

A atividade em questão, possibilitou o emprego de alguns métodos de pesquisa metodológicas que aludem a pesquisa histórica. O professor, portanto, mediu em sua atividade, uma produção de saber histórico escolar através de um jogo, do qual o aluno utiliza referenciais próprios, exercita a criatividade e a pesquisa em fontes históricas, no seu produto. Como afirmam Torquato e Torquato (2017), nas suas considerações feitas a partir do relato de experiência no emprego do jogo *Minecraft* para a produção de maquetes virtuais no ensino de História:

Por meio do dispositivo Minecraft os alunos tiveram a oportunidade de interação virtual com o interior do castelo. Isso ampliou as margens de criatividade aliados a pesquisa, visto que tiveram de investigar os conteúdos que respaldariam sua criação. Também foi possível aos mesmos interpretar como esta utilização indicava a mentalidade presente naqueles grupamentos humanos. Esta percepção enriqueceu bastante o ensino-aprendizagem de História proporcionando aos alunos, com a mediação pedagógica docente, inferirem olhares sobre o cotidiano medieval, imaginário e cosmovisão. (TORQUATO E TORQUATO, 2017, p. 9-10)

É interessante pontuar que a professora demonstrou que o interesse em promover a atividade mencionada acima com seus alunos, parte de uma inquietação. Ao relatar, no questionário respondido, uma de suas experiências com o uso de mídias digitais no ensino

de História, um dos professores conta: *“No período da pandemia senti muita dificuldade para ministrar as aulas visto que não havia interesse dos alunos e como eles gostam muito de joguinhos me veio a ideia de associar o Jogo Minecraft com as aulas de História”*.

O isolamento social causado pela pandemia de covid-19, aparece em mais de um relato como fator de incentivo ao uso de mídias digitais por professores no ensino de História. Um outro destaque nas respostas dá conta da criação de estratégias de ações coordenadas, para oferecer possibilidades de manutenção das atividades que não estavam sendo realizadas devido à recomendação de distanciamento para evitar disseminação da doença. Uma das evidências do desenvolvimento dessas atividades foram identificadas em uma das respostas escritas no questionário, que afirmava ter criado uma rede de apoio entre professores, articulando diversas plataformas de mídias digitais para garantir a manutenção das atividades de sala de aula, através da constante produção de materiais elaborados nas aulas remotas realizadas durante a pandemia: *“Elaboração de podcasts para Programa [...] da Secretaria Estadual de Educação de Roraima que foi veiculado pela Rádio Roraima. Também tenho canal no YouTube denominado [...]”*⁵

A construção de materiais em diversas plataformas e formatos, de vlogs ou podcasts proporcionaram ao professor ou professora da disciplina uma experiência importante na sua prática de ensino, considerando as possibilidades acadêmicas que foram descritas como resultado de sua prática em sala da aula remota (ou seja, com distanciamento social), que renderam reflexões acadêmicas e produção de saber histórico pensando a prática docente em meio aos desafios propostos pelo período.

Um outro relato, obtido a partir da resposta do questionário online, dá conta de que as atividades planejadas no calendário escolar comprometeram a possibilidade de dar seguimento às atividades no sentido de divulgação, registrar em plataformas etc. Algumas hipóteses podem ser levantadas a partir desses relatos, que dão margem para debates e reflexões diversas, como sobre os objetivos do ensino e de sistemas avaliativos; ou mesmo das imposições do currículo ou a cobrança pelo cumprimento de atividades que

⁵ Os nomes do projeto que divulgava as aulas em diversas plataformas e do canal no YouTube, foram ocultados para preservação do/da identidade do entrevistado(a).

desenvolvam as competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dessa forma, com base nas respostas apresentadas no questionário, podemos inferir que grande parte das atividades com o uso de tecnologias digitais são desenvolvidas de forma pontual, em geral relacionado a temáticas específicas. Como exemplo, temos que em seis das respostas sobre a utilização de mídias digitais, os professores relataram tê-las utilizado em suas aulas para trabalhar o racismo e/ou Dia da Consciência Negra.

Compreendemos, assim, que os momentos em que foram trabalhadas algumas temáticas, grande parte das atividades se deram a partir das discussões sobre racismo, buscando uma análise de um aspecto histórico cotidiano do Brasil. Possivelmente, o livro didático utilizado pode fornecer informações históricas sobre a escravidão no Brasil, mas os debates sobre a temática instigam uma série de mobilizações na sociedade, *online* e *offline*.

Parte dos questionários apontaram que o uso de tecnologias digitais se deu para garantir a manutenção das atividades durante a Pandemia de Covid-19. Ou seja, para tentar suprir necessidades de debates e conteúdo, no momento de precariedade de vivência do ambiente escolar, ocasionada pela ausência de contato entre professor e estudantes, na pandemia.

Alguns professores afirmaram ter trabalhado com o *Kahoot!*⁶, talvez, visando desvincular-se do modelo tradicional que centraliza as aulas nos livros didáticos que compilam atividades para prática e reforço dos conteúdos discutidos em sala de aula. É importante enfatizar que a prática, correspondente a um modelo *gamificado* de aula, embora seja compatível com a utilização de mídias digitais no Ensino de História, o uso desse meio apresenta limitações na aplicação de atividades desse modelo para apropriação da criticidade que é própria da História.

Em um entendimento do virtual, com a possibilidade de leituras históricas e críticas a este meio, o debate sobre o uso de mídias digitais e História Pública é

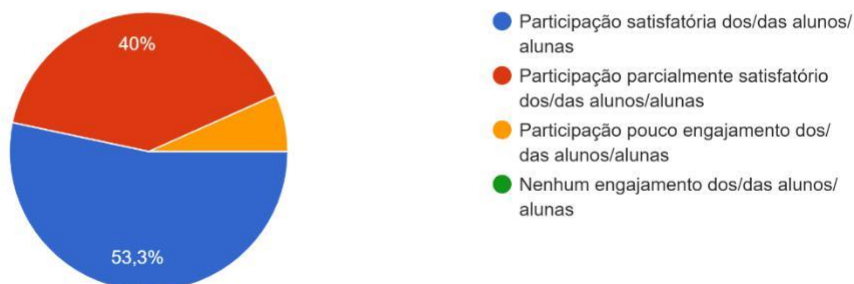
⁶ Segundo a descrição da bióloga Márcia Lira no blog *B2B Stack*, *Kahoot!* é uma plataforma de aprendizagem que visa engajar alunos e profissionais da educação através das dinâmicas de jogos e quizzes. Disponível em: <https://blog.b2bstack.com.br/kahoot/> acesso: 29/01/2024

fundamental, por constituir, para os/as professores/as de História, um espaço de análise, busca de entendimento e de construção de estratégias que contribuam para vivenciar essas possibilidades de produção de conhecimento histórico no espaço escolar. Produzir e autocriticar e discutir, em diversos espaços desse meio, é uma possibilidade de construir novas estratégias e debates para uma melhor apropriação da comunicação nessas plataformas.

De acordo com as reflexões realizadas até o momento, entendemos que a maneira como os professores percebem a recepção dos alunos nas atividades utilizadas na sala, pode ser lida a partir da utilização de referenciais do cotidiano dos alunos.

Como foi o engajamento da turma?

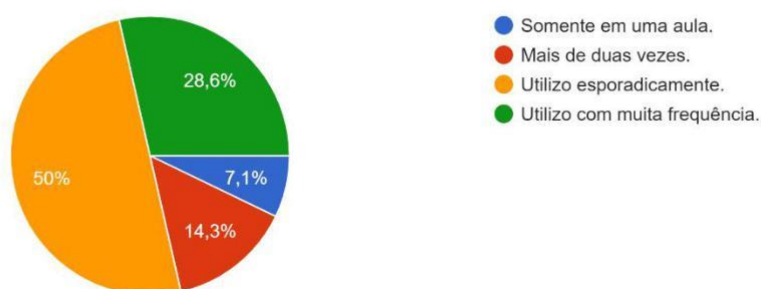
15 respostas



O gráfico abaixo mostra 93,3% de engajamento aceitável no uso das mídias digitais, e uma porcentagem baixa de pouco ou nenhum engajamento. Baseando-se em Cerri (2011), é importante que os alunos entendam a duração e a construção das coisas em seu próprio tempo. Em contraponto a essa informação, considerando a satisfação e engajamento, apenas 28,6% utilizam as mídias digitais com a frequência maior.

Com que frequência utiliza Mídias Digitais no Ensino de História?

14 respostas



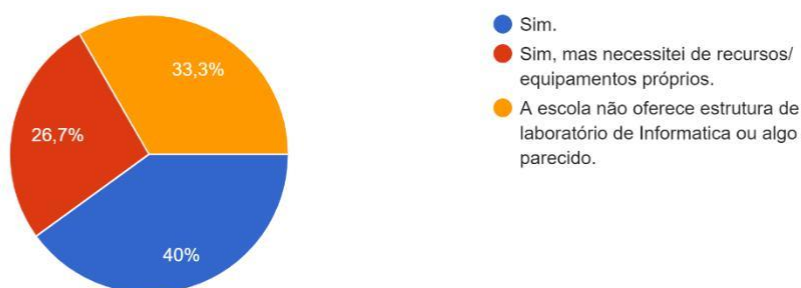
A baixa frequência no uso desses processos no ensino de História, se pensadas a partir do grau de participação, portanto de engajamento, dos alunos com relação as atividades propostas, precisa ser devidamente analisada, num processo de reflexão profunda, o que não nos foi possível fazer no escopo dessa pesquisa. Uma das hipóteses que apresentamos, contudo, é que essas atividades podem estar sendo limitadas pelas dificuldades de infraestrutura no ambiente escolar, ou de apoio institucional, associadas à falta de conhecimentos sobre essa temática.

As outras representações do emprego dessas vias relacionam-se, como visto, anteriormente, com a utilização desses meios de forma pontual, para trabalhar temas específicos. A temática recorrente relaciona-se com o dia da Consciência Negra ou algo que seja possível relacionar a debates raciais. A motivação dessa questão pode ser concebida por uma série de fatores: desde limitações dos materiais didáticos no debate sobre essas temáticas até, possivelmente, devido a facilidade de organizar reflexões contextualizadas sobre a historicidade das relações raciais no Brasil.

Outra possibilidade que podemos considerar para atividades pontuais, relacionadas a temas específicos, pauta a estruturação das escolas para o planejamento e manutenção do trabalho ou desenvolvimento de projetos de História Pública, utilizando as mídias digitais. A necessidade de adquirir meios para realizar as atividades demanda um esforço que pode desmotivar o professor, tornando insustentável.

A escola na qual essa atividade foi produzida, ofereceu uma estrutura adequada para a realização da atividade?

15 respostas



Mesmo com reformas em escolas⁷, é importante entender o que é proporcionado de equipamento para manutenção dessas atividades. Praticamente 60% dos professores que responderam ao questionário apresentaram dificuldade nesse quesito. Considerando essa conjuntura, podemos compreender uma limitação na realização de pesquisa que afeta a produção de conhecimento escolar. Mesmo que, metodologicamente, alguns professores optem por não utilizar mídias digitais no ensino de História, é importante que seja oferecida a possibilidade, não só para os professores de História.

O Brasil é um dos países mais influentes do mundo no campo acadêmico, considerando a influência dos cientistas brasileiros de diversas áreas no mundo⁸. Porém, fazendo uma espécie de “anamnese” ao ponto de abertura deste capítulo, quando falamos sobre as condições de trabalho acadêmico no Brasil, em particular na área de história, dado o avanço das ideias ultraconservadoras no País, e a partir de relatos e análises de documentos, percebemos que a prática docente que busque ativamente incentivar a pesquisa, autonomia e produção de conhecimento, realizando pesquisa no Brasil, apresenta uma série de dificuldades de natureza estrutural, em função da escassez de recursos, além de situações estressantes que têm levado muitos docentes a situações de adoecimento⁹.

Com isso, refletimos: é possível incentivar o aluno a pesquisar, quando os professores não recebem o incentivo ou condições adequadas? As respostas dão conta de que as possibilidades são mínimas, demandando um esforço a mais para a produção e planejamento destas atividades de maneira mais frequente, diversificada e criativa.

⁷ Em 02/02/2023 foi veiculada, no site oficial, a seguinte matéria: “Governo de Roraima reformou e fez manutenção em 95 escolas para receber os alunos”. Disponível em: <https://portal.rr.gov.br/noticias/item/7382-ano-letivo-2023-governo-de-roraima-reformou-e-fez-manutencao-em-95-escolas-para-receber-os-alunos>. Acesso: 31/01/2024

⁸ Brasil tem 1.294 pesquisadores na lista dos cientistas com maior impacto do mundo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/10/20/brasil-tem-1294-pesquisadores-na-lista-dos-cientistas-com-maior-impacto-do-mundo.ghtml>. Acesso: 31/01/2024

⁹ Pesquisadores enfrentam desafios e dificuldades no Brasil. <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2018/10/25/dificuldades-e-desafios-de-ser-um-pesquisador-no-brasil.ghtml>. Acesso: 31/01/2024

2.2 COMUNICAÇÃO E MANUTENÇÃO DE AUDIÊNCIA PARA CONTEÚDOS DE HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL

Para iniciar o debate sobre comunicação e manutenção de conteúdos de História Pública Digital, partimos da análise de algumas percepções e vivências profissionais deste professor-pesquisador que vos escreve esta dissertação. Há uma certa tendência repreensiva do uso de mídias digitais como possibilidade didática no ensino. Há, também, uma tendência de criar dificuldades para essa utilização didática, que rivaliza com o celular, que é o meio mais comum em que o aluno tem acesso aos ambientes virtuais. Há, vigente, uma recomendação restritiva publicada pelo Ministério Público do Estado de Roraima¹⁰ sobre o uso dos celulares em sala de aula. Por outro lado, nas experiências realizadas em sala, foi possível observar o engajamento em atividades de pesquisa e produção em algumas turmas. Ao mesmo tempo, é importante que a utilização do celular em sala de aula seja educativa e devidamente orientada para prevenir algumas exposições de imagem e propriedade intelectual, sem consentimento ou outros perigos inerentes à utilização pública da internet na atualidade. De certa forma, o trabalho fica mais complicado se considerar que professores lidam com jovens em processo formativo.

Importante considerar, ainda as respostas do formulário (disponibilizado no apêndice) que foi divulgado entre professores, que apresentaram utilização das mídias digitais para o Ensino de História. Estes demonstram que o desenvolvimento da proposta e a aplicação das atividades em sala de aula foram bem recebidas tanto por professores, quanto pelos alunos, mesmo diante de algumas dificuldades de recursos, ou de questões que se referem à organização do tempo e a necessidade de cumprir atividades delimitadas por um sistema de ensino voltado para o cumprimento de competências e habilidades, nem sempre claras e/ou que proporcionem a aprovação nos exames para o acesso ao ensino superior, público ou privado. Considerando esses aspectos, é interessante que consideremos também as diferenças de vivências diferentes na relação com os usos e consumos de conteúdos em mídias digitais.

Um padrão de vídeos que viralizou no *TikTok* dava conta da diferença das Gerações Y (ou Millennials, definida como nascidos de 1994 a 1997) e Geração Alpha

¹⁰RECOMENDAÇÃO: Uso de celular nas escolas será restrito. Site JUSBRASIL. Disponível em: <https://tinyurl.com/3hxd9f2m>

(definida como nascidos a partir do ano de 2014)¹¹ com as tecnologias, comparando a gesticulação. O interlocutor pergunta “como vocês atendem o telefone?” e a gesticulação das pessoas varia: enquanto as gerações mais jovens atendem o telefone com a mão aberta com dedos juntos simulando um *smartphone*, a pessoa identificada enquanto Geração Y atende o telefone fazendo o gesto de um punho fechado com os dedos polegar e mindinho hasteados, simulando a maneira como se encerra uma ligação nos (atualmente, “antigos”) telefones de mesa. O vídeo segue demonstrando outras diferenças entre as representações gesticulares de tecnologias produzidas em épocas diferentes, percebendo a maneira que diferentes gerações de jovens experienciam o contato e as mudanças tecnológicas ao longo do tempo. Para além, esta diferença, muitas vezes evidencia a distância da percepção do tempo a da cultura tecnológica que os professores, mesmo os mais jovens apresentam, se comparado a percepção de seus alunos. O vídeo despertou outras reflexões sobre a maneira como são utilizadas e consumidas essas tecnologias.

Há pouco, analisamos um vídeo viral no *TikTok*, que demonstra as mudanças dos referenciais culturais de tecnologias análogas daqueles que são definidos como *Millenials*, com idade aproximada entre 25 e 30 anos. Aqui, é possível notar que diferentes faixas etárias interagem com as tecnologias que conhecem. A aceleração da produção e desenvolvimento tecnológico permite que seja possível visualizar uma mudança de gestos ou de conhecimentos. Outro vídeo que escancara essas diferenças de vivências, também veiculados no *TikTok*, mostra uma pessoa perguntando se jovens entre 16 e 19 anos conhecem o artista Renato Russo, vocalista da banda Legião Urbana. O consumo acelerado de artistas da música, que hoje é praticado através das plataformas de *streaming*, e cada vez menos no rádio, em um intervalo curto de tempo, muda a maneira como os jovens acessam as novidades e o que é mais antigo – o algoritmo calculará e indicará o que é mais próximo dos interesses musicais do ouvinte. O entrevistador, também jovem, mas com idade próxima, age como se houvesse uma obviedade sobre a fama do artista, mas não considera que a diferença de percepção no espaço e no tempo, de um jovem em relação a outro grupo de jovens, que frequenta e ocupa os mesmos espaços, não compartilha das mesmas vivências e referenciais culturais. A partir daí, é

¹¹ A definição de recortes geracionais, amplamente difundida midiaticamente, escolhe a vivência de jovens com algumas tecnologias ou definições gerais de orientação e mentalidade. Considerando a problemática sócio-histórica apontada por Motta (2010) ao uso desses termos como categoria de análise, nos restringiremos a citar sua utilização na trend das redes sociais.

possível perceber o quão distintas são as vivências sociais tecnológicas de cada um desses grupos. Tratando dessa questão, Miskolci (2011) afirma:

Após levar em consideração o recorte de classe, renda, escolaridade e local de moradia, a diferença geracional se impõe como determinante quando se pretende estudar o uso das mídias digitais. A maior parte das gerações nascidas a partir da década de 1990 experienciam o mundo por meio das mídias digitais, as quais, inclusive, para essas pessoas, nem são mais novas. Já é comum ver crianças recém-alfabetizadas acessando computadores com a familiaridade que outras gerações tinham apenas com os cadernos e livros. Seus pais estão se desfazendo de enciclopédias ultrapassadas e caras enquanto os veem aprender e criar trabalhos escolares por meio de fontes online, digitando seus textos muito antes da idade em que – antigamente – seus pais adolescentes aprenderam a datilografar. (MISKOLCI, 2011, P. 11)

Podemos considerar que professores, ao produzir conteúdo de História Pública Digital, buscam divulgar e discutir conhecimento acadêmico, sem simplificar o conteúdo (ALMEIDA; MENESES, 2018), buscando atingir e conquistar o engajamento do seu público no conteúdo produzido. Levemos em conta também, que algumas das respostas do questionário utilizado nesta pesquisa, narram que as atividades de mídias digitais e História Pública Digital foram desenvolvidas buscando aproximar os alunos das atividades de sala de aula, utilizando meios do seu cotidiano. Mas, considerando as situações anteriores, será que atingimos nosso público, os estudantes? É possível que a produção de História Pública seja objeto de interesse e engajamento de jovens estudantes de História, a ponto de possivelmente “cair” nas indicações algorítmicas das plataformas de *streamings* e *vlogs*?

A diferença cultural de cada grupo social, no que diz respeito a diferenças geracionais, mas também com condições econômicas e sociais, e a forma de experienciar o uso de tecnologias, além da liberdade proposta pelos ambientes digitais, promovem um consumo diferenciado entre os grupos sociais, além de configurar tipos diferentes de experiência entre os indivíduos que compõem esses grupos. O aluno, portanto, consumirá um conteúdo digital que lhe cativa, em função de suas referências, bem como, professores consumirão um conteúdo que lhe envolvem, de acordo com seus referenciais culturais, seja num momento de entretenimento, estudo etc.

O entendimento dessa questão é fundamental para o sucesso de atividades com mídias digitais no ambiente escolar, no sentido de construção de uma História Pública Digital. Nesse sentido,

[...] é pertinente trocar experiências com o público, refletir, produzir, e ampliar ideias, isso também contribui para tornar o estudante mais consciente do tempo no qual vive, pois a aprendizagem é um processo constante e tem início antes de entrar na escola. Muitos dos conteúdos trabalhados não são mais novidades, os estudantes já trazem a ideia do senso comum e a tarefa do professor é trabalhar os conhecimentos prévios, também criar oportunidade e despertar o olhar crítico (SOUSA; CANCELA; ALMEIDA,; COELHO, 2021. P. 2)

É possível afirmar, portanto, que o trabalho feito por professores de História precisa partir da compreensão de que o aluno tem conhecimentos e referências próprias com a tecnologia. Logo, o conteúdo produzido, por professor e por aluno, será diferente: jovens tem uma vivência “nativa”, digamos, com mídias digitais e compreendem uma linguagem e formatos de gravação de conteúdo nesse tempo. Considerando que os objetivos de professores, ao iniciar um trabalho de História Pública Digital com seus alunos, é criar uma aproximação do público para de gerar engajamento e, conseqüentemente, mais interesse em produções de conhecimento histórico. Por tal, é importante discutir o modo como são feitas as comunicações, como afirmam os autores:

Pensar o campo da comunicação e da educação é desafiador, pois vivemos em um momento de mudanças nos suportes tecnológicos e na compreensão da comunicação, tanto no campo da produção como da recepção. Imersos na midiatização, problematizar até que ponto a educação é uma questão técnico-pedagógica ou estratégia de mudança social e, ao mesmo tempo, o que muda e o que permanece no processo educativo, neste contexto. (SOUSA; CANCELA; ALMEIDA,; COELHO, 2021. P. 2)

Vale ressaltar, nesse contexto, a responsabilidade que parece recair sobre o professor, que precisa estar atento ao modo como funciona o ambiente virtual, na atualidade, e trabalhar com os alunos no sentido de construção de um olhar crítico, de modo a diferenciar os conteúdos que aí circulam. Como já discutido no primeiro capítulo, a produção de conteúdo diverso na internet, muitas vezes, servirá à propagação de discursos variados – movimentos políticos partidários questionando regras de proteção a verdade e a integridade de usuários da internet, que acabam gerando engajamento em movimentos criminosos que praticam sobretudo o discurso de ódio e apologia à violência.

O desconforto que, muitas vezes, uma pergunta que incentiva a pensar historicamente, com um teor de incentivo a criticidade pode causar, não tem a mesma intensidade de propagação que algumas outras produtoras de conteúdo tem.

Assim, é mais fácil pensar que as grandes empresas que monopolizam financeiramente os algoritmos de informações na internet, conhecidas como Big Techs, detém uma grande atuação e operam subjetivamente com projetos de poder, aquém de um discurso democrático, que muitas vezes, dizem defender. Dessa percepção, é notável que a liberdade de escolher o conteúdo não é praticada quando a ordenação sistemática destes meios oferece um discurso, muitas vezes mercadologicamente acessível para as empresas, em detrimento de outros, que possibilitam críticas ao modelo econômico estabelecido na sociedade.

2.3 DIVULGAÇÃO DAS PRODUÇÕES DE CONHECIMENTO ESCOLAR

As ponderações sobre a divulgação de produtos de mídias digitais lançados na rede, a partir de atividades em sala de aula ou feitas para serem utilizadas em salas de aula, iniciam-se com a reflexão sobre a apropriação e conexão dos saberes ensinados na escola, atendendo a perspectiva de que o professor entende esses meios como uma forma de incentivar a compreensão crítica das conjunturas históricas.

Este trabalho, no entanto, busca perceber também as metodologias de ensino utilizando mídias digitais, aprendendo a ensinar, como disse Paulo Freire (1996, p. 25). Portanto, é conveniente entender o processo de formação do professor.

No questionário aplicado junto aos professores e professoras da rede estadual que trabalham ou já trabalharam mídias digitais em classe, uma das questões versava sobre a manutenção e divulgação das obras digitais. Para esta pesquisa, é interessante analisar essas perspectivas e experiências.

No podcast que surgiu concomitantemente ao processo de produção desta pesquisa, o “*PodHisto!*”, pudemos, a partir das entrevistas, compartilhar experiências sobre uso de mídias digitais de professores de Roraima. Dessas experiências, que serão sopesadas com mais detalhes no próximo capítulo, uma série de avaliações da prática puderam gerar reflexões sobre o que foi possível aprender nas vivências em sala de aula, considerando a necessidade de utilizar as possibilidades e alternativas possíveis a partir

do isolamento social, e das mudanças e adaptações feitas com o uso de metodologias em caráter presencial.

A primeira entrevista foi um teste do produto que resulta desta pesquisa. Esta entrevista e uma com outro professor, serão analisadas como uma possibilidade de abertura de discussão pública sobre produção didática de mídias digitais de professores historiadores em Roraima. A entrevista foi realizada com uma professora que respondeu ao questionário, selecionada a partir da continuidade do trabalho, interesse e disponibilidade para participação. Nesta entrevista, foram pontuadas uma série de produções acadêmicas e de divulgação do saber de História Pública Digital, que permitiram a professores atuantes em Roraima e em outros lugares do Brasil, algumas reflexões sobre o ensino de História e mídias digitais. Nesse ponto, a discussão sobre a temática em um ambiente comum, a *internet*, pode oferecer, dentro do que esse ambiente proporciona, um banco de dados para professores formarem-se e desenvolverem outras reflexões.

Na mesma medida, a possibilidade de divulgação de trabalhos feitos pelos professores entrevistados em parceria ou com conteúdo voltado para buscar engajamento de alunos, pode possibilitar uma atividade que potencialmente gere interesse de outros alunos na pesquisa histórica. Também pode incentivar professores a adaptar e desenvolver projetos e planos de trabalho de mídias digitais para a escola. No entanto, nas respostas do formulário disponibilizado no apêndice, a quantidade de professores que decidiram por divulgar suas atividades digitais feitas em classe ou para classe, foi relativamente baixa. A reflexão surge, mostrando uma possível controvérsia sobre o real apoio institucional a essas iniciativas nas escolas. Se levarmos em consideração as respostas que apontavam relativo apoio e manutenção dos aprendizados escolares e acadêmicos envolvendo as mídias digitais, e se, ao mesmo tempo, a resposta dos alunos em termos de participação foi satisfatória, qual motivo por trás de um índice de divulgação tão baixo?

Algumas hipóteses foram citadas anteriormente, por exemplo, falta de estrutura da escola, ainda que em alguma medida tenha havido algum nível de apoio as atividades desenvolvidas. Associado a essa questão, o principal motivo para esse baixo índice de divulgação, e consequentemente de continuidade das atividades, é a dificuldade de tempo hábil para mais um trabalho a ser desempenhado por professoras e professores de História, no contexto de uma rotina de trabalho exaustiva. A falta de uma formação sobre História Pública voltada para o ensino aprendizagem de História, que possibilite acesso

aos debates também está subentendida nas entrevistas e pelas respostas do formulário como um fator agravante para o baixo índice de manutenção das atividades.

Neste ponto, a ideia de aproximar o professor dos debates acadêmicos perpassa pela formação em um curso e/ou a divulgação acadêmica científica. Estes meios devem ser oferecidos e organizados em consonância com a rotina de professores, compreendendo suas necessidades, e seguindo um ideal de acessibilidade democrática aos debates acadêmicos. Neste ponto, o Mestrado Profissional em Ensino de História vislumbra uma alternativa de aproximação dos debates acadêmicos, que entendam o fazer dialético no campo educativo, em que teoria e prática são indissociáveis, e que o fazer educativo precisa estar conectado com o mundo concreto, de modo que a comunidade escolar poderá experimentar. A partir dessa aproximação, é necessário pontuar o aumento considerável da internet e suas tecnologias no cotidiano e, portanto, criar outros projetos a partir da academia que abram um espaço maior nesses meios de comunicação e interação virtual.

Uma matéria veiculada em 2022 pelo portal TechTudo, um portal de tecnologia vinculado ao Grupo Globo, apresenta os seguintes dados:

O levantamento, que foi feito em janeiro deste ano e levou em consideração apenas maiores de 18 anos, mostra que o tempo que os brasileiros passam na Internet durante a semana cresceu. Em média, as pessoas começam a se conectar às 8h33 da manhã e só se desconectam às 22h13. Somado o tempo de todos os sete dias, em uma semana comum, o brasileiro teria passado 91 horas online. A soma total pode surpreender. De acordo com os dados da pesquisa, a população brasileira passa, em média, quatro dias inteiros por semana totalmente conectada. Isso seria o equivalente a 197 dias por ano. E, levando em consideração que a expectativa de vida no país é de 75,9 anos, esses dados resultariam em um total de 41 anos, três meses e 13 dias, ou seja, 54% do tempo de vida. (RAMOS, 2022)

Nesse contexto, o período da pandemia proporcionou muitos desafios e trouxe, também, algumas possibilidades remotas de formação para utilização desses meios no ensino, considerando a necessidade de aprender uma organização dos estudos feitos de maneira remota, embora de modo insuficiente para resolver o problema.

Naquele cenário, a necessidade de criar condições para a continuidade das aulas levou as autoridades competentes a proporem soluções e, de alguma forma, criar um mínimo de estrutura para a realização de atividades com uso de tecnologias.

No cenário pós-pandêmico ou pós isolamento social, é crível que algumas dessas metodologias se mantenham na rotina do professor. Porém, existe a necessidade de uma comunicação ampla de divulgação, que contemple a promoção de discussões que ampliem as produções que pensam o ensino de História para as diversas especificidades culturais, assim, intensificando uma aproximação da Universidade, de professores e das escolas de maneira virtual.

O produto desta pesquisa, o podcast *PodHisto!*, se configura como um potencial meio de divulgação de experiências pois, tanto as informações obtidas na entrevista quanto as estatísticas pós divulgação dos episódios são analisadas enquanto fonte nesta dissertação, angariando informações sobre Ensino de História Pública e mídias digitais, possibilitando pontes que aproximem o ensino aprendizagem por meios diversificados, buscando criticar estruturas estabelecidas de propagação de informações e desenvolvendo possibilidades de acesso em espaços de ampla divulgação, como as redes sociais e plataformas de *streaming*, buscando também na acessibilidade desses debates a uma diversidade de professores de História. Portanto, permitindo a abertura de debates em perspectivas que consideram conjunturas locais, culturas diversas, projetos de Educação em História Pública Digital que estão em andamento, além da divulgação de conhecimento acadêmico e escolar produzido por professores e alunos.

Neste sentido, analisando as alternativas para a construção de um produto nesta dissertação, e levando em conta as dificuldades citadas anteriormente sobre a realização de um trabalho solo para a execução da pesquisa alinhada à produção de um mesacast, como metodologia utilizada para coletar dados, constituímos o capítulo 3. Esclarecemos que essas dificuldades impossibilitaram a montagem de uma agenda para conciliar com horários com os outros professores que tinham perfil para a realização das entrevistas. A urgência de manter as atividades de pesquisa torna a escrita deste trabalho dependente de uma busca por alternativas que possibilite a formulação debates e que permita a construção de um plano de trabalho sólido para o produto formulado a partir desta pesquisa.

Em busca de alternativas, percebemos que um dos aspectos ressaltados para definir esses professores como possíveis entrevistados, é que esses possuíam canais públicos que produzem conhecimento de História nas mídias digitais. A partir da observação dos canais e da discussão histórica feita pelos professores de História em seus canais, percebendo os discursos utilizados para atingir o público-alvo de suas produções,

a construção de diálogo com estudantes e com outros públicos. Para além, é necessário analisar algumas das características destes professores e sua atuação na esfera pública.

Optamos por evitar a divulgação dos canais e dos nomes, priorizando eticamente a segurança de seus criadores. O primeiro canal tem suas postagens de História Pública divulgadas na rede social de vídeos e fotografias: o Instagram, que pertence ao grupo que controla a empresa “Big Tech”, *Meta*. As postagens deste canal (que chamaremos de Canal AHA) é diversa e mistura algumas partes da realidade de professores com a reprodução de memes e trends historicamente contextualizadas. Usando um discurso descontraído, o historiador empresta seu rosto para divulgar curiosidades históricas, produzir críticas a discursos anacrônicos ou pseudocientíficos, desmistificando algumas construções estabelecidas nos discursos diversos de memória, no que diz respeito a temáticas da História de Roraima.

Ao que parece, a partir de uma análise superficial, o público-alvo com que o Canal AHA dialoga é bem diversa. Porém, alguns vestígios indicam que o professor busca de maneira efetiva trabalhar com jovens em idade escolar. O conteúdo informativo de teor histórico bem-humorado, tem um apelo interessante pois aparece como uma possibilidade de complementar a curiosidade incentivada em sala de aula. O conteúdo oferece aos alunos a possibilidade de aprofundamento, por não resolver ou esgotar as temáticas, aparentemente sustentado em um pilar que promove críticas aos modelos conteudistas. Estes modelos pretendem oferecer a possibilidade de instrumentalização rasa em prol de uma aprovação no vestibular que acaba por limitar, incentivar a memorização dos conceitos históricos, popularmente conhecida como “decoreba”.

Mesmo com a orientação teórica ser demarcada nas suas postagens, o Canal AHA não está imune de reproduzir algumas das práticas citadas acima, bem como nenhum professor, mesmo que tenha a mais plena consciência teórica de sua didática, está imune a reprodução de modelos mais tradicionais no seu ofício na sala de aula. De certa forma, as tentativas de oferecer possibilidades de aprendizado aos estudantes, em muitos casos, perpassa os limites impostos pelas cobranças de inserção no mercado e projetos educacionais. Uma mudança radical para oferecer as possibilidades de que os professores não pratiquem essas reproduções depende de uma mudança muito mais radical nos exames que possibilitam a entrada dos estudantes em cursos para a formação superior e na Base Nacional Comum Curricular.

Apesar da necessidade de se apontar algumas críticas ao sistema estabelecido, não pretendemos alongar este debate pois o foco deve ser as possibilidades do trabalho com mídias digitais no processo de ensino aprendizagem de História. Nesse ponto, o Canal AHA demonstra uma ligação com público limitada a interação em comentários públicos ou promoção de debate público, sem investir na produção de saberes de História com participação de seus alunos. O motivo mais provável pode ser o cuidado com a superexposição de seus alunos no canal. Ao mesmo tempo, algumas das publicações sugerem que o conteúdo produzido e postado pode ter sido resultado de algumas discussões em sala de aula. De certa forma, aos alunos é oferecido uma possibilidade de entendimento, que é fruto da análise feita pelo professor de suas práticas, que permitem um aprofundamento do diálogo com os alunos, oferecendo perspectivas dos quais os alunos podem acessar autonomamente, por sua própria curiosidade. É possível concluir que o professor assume essa posição e a expressa categoricamente no canal.

Cabe ressaltar a sagacidade do professor ao conciliar as atividades dedicadamente a ponto de cativar uma audiência engajada de aproximadamente 21,6 mil seguidores em sua rede social no Instagram. Este tipo de alcance não é uma regra em canais de História Pública Digital que apresentam responsabilidade científica em suas postagens. É importante ressaltar que a conquista desse público é fruto de muito trabalho, estudo e planejamento. Outra característica a ressaltar, é que o conteúdo não é promovido na rede social, ou seja, não conta com patrocínios ou investimento de recursos para a promoção algorítmica massiva daquele conteúdo. Caso houvesse tal incentivo, isso garantiria um considerável aumento na quantidade de acessos, visualizações e comentários.

CAPÍTULO 3: ESPECTADORES, PRODUTORES E OS PRODUTOS DA HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL

Dentre as fundamentações desta pesquisa, a decisão de realizar a testagem do produto e debater os dados obtidos no processo de escrita, pode ser considerado um diferencial da pesquisa. Mesmo com as dificuldades encontradas ao longo do processo de

produção, das tentativas de alinhar horários dos professores, as outras atividades profissionais e dos custos pouco condizentes com a realidade do professor, a tarefa de produzir academicamente um espaço de discussão que agregue e construa visando uma reflexão sobre a prática de ensino com mídias digitais e História Pública, pode funcionar.

A intenção de aproximar professores de História através de debates acadêmicos divulgando publicações e outros trabalhos por meio de uma outra via, com interesse em um discurso leve e despojado do rigor acadêmico, tem potencial de aproximar e desenvolver, não só as produções de História Pública Digital, mas de trabalhos acadêmicos e projetos de divulgação do saber histórico realizados dentro da Universidade Federal e do programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História.

3.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO: O MESACAST *PODHISTO!*

O fator que confirma essa possibilidade é justamente a acessibilidade de podcasts ou vídeos curtos, que podem aproximar professores em momentos de deslocamento de casa ao trabalho ou de uma escola a outra. A conclusão baseia-se não só nas respostas do questionário aplicado, mas além, considerando o trabalho realizado por professores que foram entrevistados no mesacast *PodHisto!*.

A disseminação e divulgação do mesacast *PodHisto!* entre pares, também deve se basear no que foi analisado nesta pesquisa, no que se refere ao entendimento e aproveitamento algorítmico das plataformas. Observando o funcionamento de outros mesacasts, pode-se utilizar a estratégia de divulgação que publica “cortes” ou recortes da entrevista, destacando momentos importantes do mesacast que potencialmente, atrairiam engajamento nas páginas e em episódios pontuais. Podemos considerar um exemplo interessante, o trabalho feito pela página do Instagram do Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais¹², que tem conteúdo administrado por integrantes (professores e alunos) do curso de História da Universidade Federal de Roraima. No caso do *PodHisto!*. O Laboratório utiliza a estratégia de divulgar cortes de falas importantes em eventos, que são facilmente espalhadas em redes sociais como o Instagram e TikTok, além da divulgação de outros eventos acadêmicos. Apoiado na forma de divulgação de

¹²Endereço no Instagram @labehd_ufr

vídeos curtos que tem interesse de guiar interessados ao conteúdo estendido, em plataformas de *streaming* de áudio e vídeo.

Outra estratégia válida para a divulgação pode partir da gravação de “*reacts*”, que consistem em filmar as reações e comentários de outros conteúdos de maneira descontraída. Atualmente, youtubers com públicos diversos investem em assistir e reagir a vídeos publicados na internet. Um exemplo que poderá ser mencionado, é a página do TikTok e Instagram, Operação Barbarussa¹³. Por si, este tipo de produto é uma outra atividade que consome tempo dedicado para gravação e edição, mas que ajuda a construir ligações em uma rede de informação e conteúdo diverso. A intenção desse tipo de produção seria voltada para um engajamento superficial do qual uma porcentagem deste poderá ser filtrada para uma audiência fixa do conteúdo mais aprofundado, que será publicado no mesacast.

No entanto, a continuidade do projeto depende de dedicação e apoio institucional. A participação de professores, estudantes de graduação e pós-graduação em História, além dos professores e professoras que receberão convite para participação nos debates, garantem a não-individualização, para que as atividades do produto não se tornem uma série de tarefas dispendiosas que inevitavelmente, sofreria para encaixar na agenda as atividades do mesacast e as atividades profissionais.

O objetivo do produto portanto, deverá ser de catalisar historiadores e historiadoras interessadas em aproximar-se dos debates sobre História Pública Digital, Ensino de História e mídias digitais, de modo que facilite o acesso a discussões produzidas na academia com uma certa periodicidade, em um discurso mais descontraído.

A criação desta rede de disseminação de informações, orientada por um grupo de trabalho que ligará as produções aos contatos interessados em participação e produção acadêmica, poderá enriquecer uma série de outras atividades que debatam ensino e pesquisa a partir das vivências e desafios que remontam o cotidiano de Historiadores e Historiadoras na realidade local.

Para além, expansão da atividade e o compartilhamento das experiências norteia-se para criação de registros, que tem potência de contribuir no armazenamento de dados,

¹³Endereço no Instagram e TikTok @opbarbarussa

fruto da manutenção das atividades do mesacast, sobre o Ensino de História em Roraima e de História Pública Digital.

3.2 DESAFIOS E RESULTADOS DO PRIMEIRO *PODHISTO*!

Para iniciar este tópico, é importante que sejam avaliadas as condições de produção de atividades que utilizem gravação e edição de áudio e vídeo. Considerando escolas que possivelmente não dispõem desses recursos, os valores investidos para a produção de um mesacast, por exemplo, serão demonstrados a partir do investimento realizado na testagem do produto, feita com intuito de coletar mais fontes para a pesquisa. Será considerado também o atual piso salarial de um professor da rede básica, supondo que, para possibilitar a realização desta atividade, alguns professores deverão dispor de recursos próprios.

O mesacast é um formato de gravação de podcast de entrevista, como numa mesa redonda, debatendo uma temática delimitada ou de pauta livre. Atualmente, o formato de mesacast mescla mídias de áudio e vídeo, a serem disponibilizadas em plataformas diversas, como Spotify, streaming de música e podcasts, e Youtube, que reúne conteúdo de vídeo. É importante destacar que o conteúdo de vídeo pode ser disponibilizado ao vivo ou após edição. Este destaque é citado pois, muitas vezes, faz-se uso de programas de edição de vídeo, além dos que serão empregados na gravação do podcast.

O podcast, por si, é mais econômico, considerando que será necessário somente o aplicativo de gravação e adquirir microfones de lapela, normalmente usados por repórteres televisivos, mas que é um apetrecho de baixo custo. O uso de um recurso básico de vídeo para a gravação é um pouco mais complicado. As possibilidades de gravação mais básicas se farão de câmeras de gravação de celulares ou webcams de série instaladas em notebooks. Em celulares, os pré-requisitos não serão maiores do que a possibilidade de armazenamento e talvez adquirir um suporte para manter o celular estático para a gravação. Os programas disponíveis para edição e gravação, normalmente são pagos. O mais básico, em questão de custo-benefício, que possibilita inclusive a produção remota das entrevistas, é o Google Meet. Caso seja possível, pode-se também buscar webcams de maior qualidade, intuindo uma imagem mais nítida, levando em conta que a imagem pode sofrer redução de qualidade no upload – ou seja, no envio do produto editado para

a plataforma online. A possibilidade de profissionalização, passa por um investimento muito maior, considerando a média salarial dos professores do Estado.

Segundo a matéria do jornal Folha de Boa Vista, veiculada em 19/01/2023, indicou, professores com jornada de trabalho de 30 horas na carga horária semanal tem como base salarial o valor de R\$ 4.577,36. O investimento em uma webcam, um suporte de câmera, dois microfones condensadores com suporte, uma interface de áudio de dois canais, além de cabos tipo cânon e adaptadores custaram aproximadamente R\$550. Este valor representa aproximadamente 12,03% do salário de um professor estadual. Outros componentes que fazem parte da gravação, já eram de posse pessoal do pesquisador, como celular e notebook.

A longevidade de um projeto desse tipo demanda, além do investimento inicial, uma série de outros gastos imprevistos que podem decorrer de problemas no equipamento, considerando que os equipamentos representam o mais básico da categoria, com qualidade questionável. Outro fator a considerar, é de que a quebra de algum desses equipamentos, pode causar um desarranjo no cronograma de atividades, pois parte dos equipamentos não são encontrados nas lojas locais, muitas vezes são obtidos em lojas online.

Por meio da experiência de testagem do produto e das informações alcançadas nas entrevistas do mesacast desenvolvido a partir desta pesquisa – o *PodHisto!* foi possível perceber e vivenciar situações adversas, além de possibilitar a existência de um potencial espaço de discussão acadêmica sobre a produção de saber histórico na escola entre outras possibilidades de fazer História Pública no espaço da Escola, entre professores e alunos.

Na entrevista realizada com a professora chamada Hérika, que aceitou participar do mesacast e desta pesquisa, houve uma série de percalços, por exemplo: um dos microfones falhou devido um problema no cabo, o que prejudicou severamente a possibilidade de publicação da gravação, o som da central de ar estava mais alto. O conteúdo só não foi completamente perdido, pois o outro microfone captou o diálogo na íntegra. Isto aliado com um trabalho de edição do áudio, foi possível resgatar o registro.

Este tipo de percalço pode impossibilitar a gravação. O espaço de tempo disponível para conversar com a professora Hérika, era curto, pois em um dos relatos, ela demonstrou uma rotina conturbada e atarefada, para conciliar a produção acadêmica e sua atividade profissional. Dentre as variações e possibilidades citadas pela professora para o

aprendizado e manutenção do trabalho com mídias digitais durante a pandemia, foram enfatizados nas experiências anteriores e em um curso de formação que alinha uma das possibilidades oferecidas por uma das grandes empresas que dominam o mercado virtual, alinhado a possibilidades didáticas – o Google For Education.

Duas percepções são citadas na vivência do curso em questão pela professora entrevistada: o primeiro, a formação ofereceu uma visão amplificada da utilização de mídias digitais no Ensino. O curso é citado pela professora enquanto um processo de treinamento de atualização tecnológica, que parte das tarefas mais básicas. Para efeito didático, Hérika associa comparativamente os antigos cursos de datilografia a este curso que fizera para conhecimento básico e aprofundado das potencialidades da utilização dessas mídias digitais no ensino. Na segunda pontuação feita pela professora, será enfatizado o uso do celular como um aliado à pesquisa científica, entendendo que seu potencial no trabalho de pesquisa pode driblar problemas estruturais nos equipamentos em laboratórios de informática e limitações técnicas de equipamentos considerados defasados para a elaboração de algumas das atividades.

A aceleração do consumo de equipamentos e produtos eletrônicos que facilitem o acesso e produção de conteúdo digital, já citada em parágrafos anteriores, cria uma questão para a burocracia do acesso e manutenção do equipamento das escolas. Os bens digitais, enquanto patrimônio da escola, não podem ser compreendidos como bens duráveis, considerando o processo de atualização constante dos meios. A outra dificuldade, pode ser comparada através da experiência adquirida na gravação da entrevista com a professora Hérika. Um dos percalços da gravação do episódio comprova a informação produzida nesta entrevista, considerando a aquisição de um equipamento financeiramente custoso, mesmo sendo este equipamento o mais barato para a realização de um podcast/mesacast de qualidade aceitável.

A professora Hérika cita como enriquecedora essa experiência, na medida em que foi construída de forma colaborativa, com envolvimento dos alunos no processo, dando significado à vivência destes com o mundo digital. Nesse momento, é importante fazer uma menção a Paulo Freire (1996), quando menciona a importância de perceber as sabedorias que os estudantes trazem para sala de aula. O aprendizado no desenvolvimento da atividade, na perspectiva da professora depende de atualização de seus conhecimentos a partir da troca de experiências e informações com os estudantes em questão.

O processo de pesquisa citado, conta com instrumentos programados para incentivar e orientar estudantes na pesquisa. Apesar dos poucos detalhes do funcionamento e possibilidade de usos temáticos deste meio, foi interessante notar que a construção do tempo, do vocabulário de História e de possibilidades que se desenvolvem à medida que aumenta a convivência didática com esta atividade de produção. Esta atividade, apesar de apresentar desafios, tem uma potência analítica da modificação, não só do vocabulário didático, mas também, serve como uma evidência das mudanças práticas na didática histórica e suas vertentes tecnológicas, que é fruto da conjuntura atual.

É importante pontuar as questões estruturais do estado de Roraima, como um fator impeditivo para seguir cronogramas. De maneira geral, são recorrentes os “apagões” de internet no estado. Dentro de uma lógica de planejamento de aulas, a quebra do cronograma pode frustrar a realização da atividade na escola, por exemplo. Trabalhar criticamente a dependência de manutenção das atividades ao acesso online. Explorar análise desse aspecto do cotidiano dos roraimenses, a partir de conexão em uma rede de professores de outros estados, também traz a possibilidade informativa sobre questões urgentes que necessitam de resolução. De certa forma, a possibilidade de permitir o acesso ao conteúdo de áudio, para ouvir ou assistir em momentos oportunos, permite uma adaptabilidade dos horários de postagem, à medida que ocorrem os “apagões”. Ainda que exista a necessidade de internet para o upload (ou “subir o conteúdo” para a plataforma digital), gravar algumas outras chamadas e postagens nas redes de ampliação do conteúdo não depende exclusivamente do acesso, podendo ser adaptada.

Outras questões burocráticas são citadas como dificuldades. O medo dos professores em ter que assumir a responsabilidade financeira, em possíveis defeitos ocasionados pelo uso dos equipamentos do laboratório de informática. O receio dos pais de alunos em possibilitar o acesso dos filhos a endereços de e-mails. A preocupação dos pais é válida a considerar as insalubridades aparentes no ambiente virtual. No entanto, é possível educar para o conhecimento através desses meios. A regulamentação estadual sobre utilização dos aparelhos de celular, como já pontuado anteriormente, tende a proibição. Esta dificuldade, entendendo o celular ou notebook exclusivamente como uma possibilidade de distração, limita a exploração educativa desses meios.

É importante também registrar uma questão pontuada pela professora. Segundo ela, o uso de aparelhos smartphones de qualidade entre os alunos, em geral, se dá para realização de tarefas básicas. Ao buscar ampliar o conhecimento desses alunos para

pesquisar utilizando mídias digitais de maneira eficaz, pode acabar potencializando neles um interesse de se aventurar na profissão de influenciador digital. Não é raro encontrar jovens que buscam produzir conteúdo para ser publicizado na internet, amplamente acessado e monetizado - ou seja, que o produtor de conteúdo receba dinheiro a partir da quantidade de visualizações. Numa pesquisa, a Fundação Lego e Harris Poll entrevistou crianças de 8 a 12 anos de idade nos Estados Unidos, Inglaterra e China. O trabalho concluiu que 29% das crianças preferiam o trabalho de “Youtuber” do que Astronauta, que correspondeu a 11% das respostas.

Há uma tendência de criação de heróis ou ícones famosos, a partir da leitura superficial sobre as pessoas que ocupam o espaço da tela de computadores e celulares de jovens e crianças em idade escolar. Isto pode ser fruto de uma falsa sensação de conhecer o cotidiano desses publicam suas rotinas de trabalho, projetos ou jogos online que, de fato, podem ocultar, em geral, um outro tipo de realidade, que não é publicizada. A percepção crítica e uma leitura que perceba o tempo presente como História, tem possibilidade de produzir reflexões sobre os moldes de fazer esse conteúdo.

3.3 POSSIBILIDADES PARA A CONTINUIDADE DO MESACAST ACADÊMICO PodHisto!

Para a conclusão das reflexões produzidas através da pesquisa, é possível definir como estratégia de utilização das mídias digitais e História Pública Digital no Ensino Público em Roraima, como uma prática derivante das constantes construções, mantidos a partir do desenvolvimento de debates públicos, explorando possibilidades de aproximação do ambiente escolar como os espaços, e de debates realizados na academia.

A partir da experiência inicial apresentada acima, apresentamos alguns aspectos relevantes para a continuidade do *mesacast* acadêmico *Podhisto!*

Os parâmetros de definição de público ouvinte, que consumirá o conteúdo e se apropriará da construção dos debates, é justamente o grupo de professores e professoras de Roraima, com ou sem vínculo com a Universidade. Um público amplo, com interesses em comum, buscando acessar os debates acadêmicos e teóricos sobre as possibilidades didáticas de ensino aprendizagem com História Digital. O espaço virtual poderá funcionar como meio de divulgação de conhecimento acadêmico, com potencial fomentativo de

outras possibilidades formativas, referentes ao ensino aprendizagem de História que se utilize de possibilidades publicizadas digitalmente.

A avaliação da continuidade e complexificação deste canal a partir do desenvolvimento utilitário do produto, propicia que professores e professoras façam reflexões sobre a práticas, de modo que, partindo das ponderações realizadas ao longo das entrevistas, sejam incentivadas novas possibilidades de desenvolvimento dos debates sobre a temáticas de Ensino de História, História Pública e mídias digitais. A necessidade mais imediata de professores e professoras, é buscar e produzir meios de compreender historicamente as interações digitais de seus alunos e de si próprio. Entender criticamente as diversas possibilidades e comunicar e projetar-se historicamente no Público Digital.

Ao mesmo tempo, caberá a esta produção, uma reflexão comunicativa de efeito constante sobre a estruturação das escolas e a fomentação legislativa sobre a temática, que até o momento, é regida pela proibição do uso, quando as próprias escolas não oferecem possibilidades de desenvolvimento educativo por meios digitais que estejam à altura das necessidades atuais.

Portanto, é basilar que possamos debater algumas práticas que, muitas vezes, podem ressonar como um tradicionalismo conservador, em não trabalhar o tempo presente como um recurso a se utilizar como instrumento de crítica, de modo que se busque trabalhar com os meios sem rivalizar ou associar esses meios necessariamente a distração. É importante ressaltar que não se pode tratar esses meios como uma possibilidade de “salvação” ou resolução de problemas mais profundos, mas sim, como uma possibilidade que deve ser acessível.

Há poucos dias, durante um dos cotidianos “apagões” de internet que ocorrem em Roraima, em meio a um debate sobre os reinos africanos de Gana, Mali e Songai, um dos alunos do 7º ano, perguntou o significado da palavra “caravana”. Ao incitar o aluno a buscar o significado da palavra, o aluno retira prontamente o celular de sua mochila. Não havia internet, e naquele caso, a dificuldade maior foi encontrar um dicionário. A frustração aumentou, ao notar que os alunos tinham dificuldade de utilizar o dicionário, como alguns exemplares, a palavra “caravana” não aparecia. Poderá haver momentos em que não se pode contar com a tecnologia como uma salvação, e é importante incentivar os alunos a buscarem aprender de maneira autônoma, sem necessariamente se apoiar na facilidade do digital. Nem tudo está perdido quando não há acesso à internet.

De todo modo, é importante concluir também, a partir das análises já citadas em parágrafos anteriores, que o meio público digital é, atualmente, um ambiente pouco acolhedor para a produção científica. É possível atribuir esta orientação a diversos fatores como os interesses mercadológicos, disseminação de ideologias extremistas e/ou ideias com embasamento pseudocientífico. Oferecer a possibilidade de questionar e, ao mesmo tempo, ocupar esse espaço oferecendo possibilidades historicamente educativas pode render frutíferas discussões sobre o ensino e as percepções sobre os atuais ocupantes dos ambientes virtuais que discutem História Pública.

Dito isto, podemos entender que há uma possibilidade de acessar, de maneira mais aprofundada em futura pesquisa, algumas discussões sobre os fatores resultantes do processo de compreensão sobre o espaço público virtual e a maneira como os alunos avaliam o conteúdo produzido. Os dados resultantes da publicação dos podcasts com professores desta pesquisa, associados a percepção de alunos poderá fornecer uma série de outras perspectivas sobre a produção de História Pública Digital no ambiente escolar.

3.4 A PROBLEMÁTICA DE DESMURGET: PENSAR A UTILIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE ESTRUTURAÇÃO PARA UM USO CRÍTICO DAS MÍDIAS DIGITAIS.

Ainda que a conclusão desta pesquisa aponte para uma manutenção do uso de possibilidades de produções de mídias digitais entre professores, além de considerar a utilização entre professores e alunos, não se pode descuidar de males inerentes a utilização desses meios. A obra *“A Fábrica De Cretinos Digitais: Os Perigos Das Telas Para Nossas Crianças”* do neurocientista Desmurget (2021), em suma, faz uma análise do desenvolvimento cognitivo a partir do desenvolvimento de áreas do cérebro, de forma comparativa, interpretando que este está em déficit causa diretamente pelo excesso de telas e de tarefas “mais automatizadas” pelas mídias digitais. Considerando essa leitura, é importante destacar as percepções críticas sobre uso, abuso e qualidade da utilização de meios digitais e os efeitos danosos que podem causar nos jovens estudantes.

Ao mesmo tempo, é fundamental observar o “fatalismo cognitivo” que a obra apresenta sobre o uso tecnológico desde o título. O problema é a existência da tecnologia ou seu uso acrítico? Na resposta do próprio Desmurget, em uma entrevista para divulgação de seu trabalho para a BBC News (VELASCO, 2020), dá conta de que uma utilização desestruturada desses meios pode sim, de maneira danosa, afetar o aprendizado.

A proposta que se faz aqui, no entanto, apresenta que se abra um debate entre professores, considerando as próprias dificuldades encontradas pelo professor nas relações as redes sociais e smartphones, citadas em outros momentos desta pesquisa. Aqui, é proposto que os professores pesquisadores de História utilizem do meio para ensinar sobre a historicidade desse meio. Esta postura, segundo os dados coletados nas entrevistas e no questionário, pode incentivar a pesquisas para além da internet.

A crítica de Desmurget (2021) ao uso de vídeo-games por jovens, como um fator que proporciona redução de capacidade de aprendizagem, perpassa pela qualidade do estímulo de cada atividade. O exemplo mais próximo que se pode citar, aparece no canal que utiliza o jogo *Minecraft* no ensino de História, que foi demonstrado por uma das pessoas que responderam ao questionário para esta pesquisa. A indicação do vlog (ou canal) do YouTube, demonstrou que os alunos aprenderam e produziram formas pertinentes de conhecimento utilizando um artifício digital ou no trabalho de Sousa (2023), produzido no ProfHistória sobre possibilidade na utilização de jogos digitais no Ensino de História. Neste ponto, é importante questionar as afirmações generalistas de Desmurget (2021) sobre os jogos digitais: todos os tipos de jogos digitais e produções digitais públicas representam um problema para o desenvolvimento cognitivo?

Na entrevista feita pela rede jornalística BBC (VELASCO, 2020), Desmugert aponta que a utilização abusiva e acrítica é responsável pelos efeitos danosos na aprendizagem, causando problemas no sono, redução da produtividade e criatividade de jovens.

Mesmo apresentando as divergências com a proposta discursiva de Desmurget (2021), o debate é essencial para que sejamos cautelosos ao utilizar mídias digitais no Ensino de História. Mais ainda, perceber as incongruências e problemáticas do uso acrítico desses meios, reforça a necessidade de que professores pesquisadores estejam a par dos debates sobre o tema, considerando o avanço cada vez maior da utilização e dependência do uso de mídias digitais na sociedade atual.

Portanto, aproximar professores utilizando meios que possam encaixar na rotina, e que mantenham professores atualizando debates e produzindo conhecimento sobre a Ensino Aprendizagem de História e sua dimensão Pública Digital. Destas intenções, é reforçada a justificativa de fazer a manutenção da produção de episódios do *mesacast* que resulta deste trabalho, como atividade auxiliar na formação de professores.

3.5 ALGUMAS CRÍTICAS AO MODELO DE FORMAÇÕES CONTINUADAS ONLINE

Dentre as diversas questões levantadas nessa pesquisa, é importante ressaltar a dificuldade de formar-se e informar-se enquanto professor-pesquisador devido a organização precarizada de trabalho e as dificuldades cotidianas para encaixar prioritariamente novas práticas de ensino, debates e produções na academia às atividades profissionais. Nesse interim, as empresas que fornecem materiais didáticos, assim como as Big Techs, investiram na construção de Plataformas Digitais de Ensino. Essas plataformas, além de proporcionar acesso a livros, contatos com os professores, propõem também possibilidades de acesso a formações que podem auxiliar didaticamente.

Essas plataformas, como já citado anteriormente, proporcionaram suporte e manutenção das atividades de ensino no período do isolamento social causado pela pandemia de Covid-19. No entanto, é importante questionar o funcionamento de algumas destas plataformas como um artifício para sequestro de informações por essas empresas de tecnologia, utilizados irresponsavelmente para serventia mercadológica: a educação torna-se produto de acesso limitado intrinsecamente ligado ao consumo, condicionado ao comando de um “clique para ver mais” seguido de expressões como, por exemplo, “assine para acesso a conteúdo ilimitado”.

Este trabalho não pretende aprofundar-se nessas plataformas online ou debruçar em análises que forneça uma crítica (necessária) aos modelos de formações continuada, apesar de afirmar pontualmente que há um uso de caráter “técnico” e “instrumental”, estático no que se refere a uma análise crítica. Apesar desta característica, pode-se notar que existe um interesse em proporcionar aos professores uma interação com as mídias digitais, buscando explorar atividades e produções atreladas a essas plataformas. A problemática, deve-se pontuar, parte da dificuldade de utilização técnica, e muitas vezes acrítica, desses meios. Um dos fatores motivadores da produção desta pesquisa se embasa na necessidade de atuar com um olhar crítico e percepção de tempo histórico nas produções veiculadas na internet.

Os projetos mais ousados de complexificação no uso dessas plataformas de ensino, pretendem desenvolver possibilidades de substituição da mão de obra docente por aulas preparadas por Inteligência Artificial, como confirmou o Secretário de Educação do Estado de São Paulo, após o vazamento de um documento oficial não publicado

(TENENTE; SANTOS. 2024). A afirmação do secretário prevê a existência de um projeto-piloto para atualização de material didático e planejamento das aulas. Esta proposta ameaça, não só a qualidade das atividades produzidas em sala de aula, como aprofunda a precarização da profissão de professores, além de ter potencial danoso para a produção de pesquisa. As informações selecionadas, interpretadas por um cálculo que aproximará o conteúdo através de uma rede de interesses de maneira irrestrita, pode tratar como conhecimento algumas veiculações pseudocientíficas ou mal-intencionadas, considerando os conflitos de interesses que fazem com que as BigTechs invistam em campanhas para tentar barrar projetos de lei que visem a regulamentação e responsabilização dessas empresas por divulgação de conteúdo sensível ou discursos de ódio.

Analisando a situação citada no parágrafo acima, podemos entender que a utilização desses meios por entidades que tem interesses privados e mercadológicos envolvidos, podem afetar danosamente a educação e o aprendizado de diversas disciplinas, além de História. Assim, é importante pontuar a necessidade de que as mídias digitais sejam discutidas e apropriadas por instituições que formam, visando uma melhoria da Educação Pública, partindo não dos interesses privados, mas da discussão que forma professores de História, pensando o Público Digital.

Não é possível afirmar os mesmos jargões proferidos pelos que defendem uma informatização mais aprofundada do processo educativo. Atualmente, os moldes de defesa de uma “autonomia” ideologicamente enviesada, propaga a desinformação massiva, utilizando o espaço da internet.

Podemos apontar como exemplo dessa construção enviesada, os ataques ideológicos de extrema direita, com pouco ou nenhum embasamento científico à produção de Paulo Freire. São veiculadas e reproduzidas em diversos canais reacionários, como o do canal no *YouTube* Brasil Paralelo, uma série de afirmações que propõe invalidar e difamar a obra de Freire, com um título sensacionalista produzido pelo canal “A Face Oculta de Paulo Freire”. Em fato, não contextualizam escritos e reproduzem afirmações de ditos “especialistas” no pedagogo, e não demonstram conhecer de fato as obras escritas pelo patrono da pedagogia brasileira, renomado internacionalmente. A discussão sobre o autor é reduzida a um raso discurso de propaganda, vestido em uma fantasia que se autodenomina científica.

Ao mesmo tempo, os apoiadores publicamente expostos de canais como o que foi citado acima, buscam aliar um discurso “em defesa da liberdade de expressão”, buscando abrir precedente para que possam defender o espalhamento patrocinado e irrestrito de notícias falsas em prol de um projeto político que cerceia algumas liberdades fundamentais do Estado Democrático de Direito, como os princípios da Liberdade de Cátedra. Alguns dos atuais investigados pela defesa dessas práticas, são réus por incentivo e participação em manifestações violentas e antidemocráticas ocorridas no dia 8 de janeiro de 2023.

Não é possível dissociar os acontecimentos políticos, como os citados nos parágrafos anteriores pois um fator é essencial para compreender o ambiente encontrado na internet atualmente: as BigTechs recusam-se a assumir a responsabilidade pelo que é propagado e em criar mecanismos que evitem que notícias falsas ou conteúdos explícitos ou sensíveis sejam publicados. Reforçando que foi feita uma série de publicações feitas pelas BigTechs em suas manifestações contrárias a regulamentação da internet. Atualmente, o proprietário da rede social nomeada “X” (antigamente, Twitter), associou-se a políticos de extrema direita, questionando algumas decisões do Supremo Tribunal Federal, sobre desativação de contas da rede social que incentivaram crimes em suas publicações.

Um proprietário de uma grande rede social, alinhado aos interesses de propagadores de ideais reacionários atuantes no Brasil, explicita qual discurso possivelmente será privilegiado pelo algoritmo definido nas programações veiculadas nessas plataformas. A “autonomia” e “liberdade” defendida pelos associados a esses discursos extremistas, defensores de uma educação bancária, tecnicista e ideologicamente cerceadora, difere do que Freire (1997) propôs quando se posiciona em defesa de um processo que forme um ser crítico e autônomo.

No entanto, o cenário não pode ser dado como perdido, à medida que se valem das produções científicas de História Pública Digital, que podem ter algum alcance nessas plataformas. Mesmo que o incentivo não equipare, nem gere os mesmos impactos, uma preparação profissional para que o professor desenvolva trabalhos de mídias digitais buscando incentivar autonomia e criticidade em seus alunos, tem lugar de impacto social no combate as desinformações no campo da produção de saber. A mesma formação, recebendo suporte e desenvolvendo debates de História Pública Digital com professores

em diversas etapas de seu ofício e formação, fomenta possíveis debates que podem gerar novas perspectivas sobre produção do saber histórico e sobre o Ensino de História.

3.6 O USO DO MESACAST NO DIÁLOGO ENTRE PROFESSORES DE HISTÓRIA

Mesmo com todas as dificuldades expostas na produção de materiais de História Pública Digital que aglutine professores em uma "Rede de informação" entre professores-pesquisadores, esta tem potencial efetividade na manutenção e debates, incentivo a novas pesquisas e fomento a criação de um banco de dados para pesquisas voltadas para o ensino de História. A ideia de utilizar a História Pública Digital para catálise de possibilidades dentro e fora de sala de aula, formada através da produção de conteúdo e manutenção de uma rotina de contato entre professores pesquisadores é fundamental nesta pesquisa e é uma potência para a produção de outras possibilidades.

Ainda que a proposta testada na ocasião desta pesquisa aponte para uma produção no âmbito privado, o produto não objetiva a possibilidade de personificar sujeitos que assumam o lugar de influência e referência na produção de História Pública Digital. A ideia é que a produção temática seja coletiva e formativa para todos e todas que tenham interesse em promover debates e interagir com as mídias na dimensão pública e digital da História. Deste modo, é importante que a manutenção do *mesacast PodHisto!*, alterne sazonalmente sua direção criativa, mas mantenha o apoio coordenado de outros projetos de formação de professores-pesquisadores ligados ao curso de licenciatura em História, o Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais e o Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Roraima.

Com necessidade de maior fluxo de produção, a atividade colaborativa pode funcionar com maior efetividade e divisão de atividades que variam do fechamento de pautas, roteirização, definição dinâmica para rotatividade de apresentação, estratégias de divulgação de episódios almejando manter uma produção mensal ou quinzenal de episódios.

Pautando o trabalho de produção do mesacast, pretende-se manter a produção áudio e vídeo legendado, publicado em plataformas de podcasts e *vlogs*. Funcionando com um processo formativo no contato de História Pública Digital na prática para professores historiadores em diversas etapas de formação, seja enquanto aluno de

graduação, graduado ou pós-graduando. O norte almejado no corpo desta proposta é aproximar e desenvolver possibilidades criativas, com diversidade de ideias, práticas e vivências enquanto professores-pesquisadores de História, Ensino de História e História Pública Digital.

Seguindo a busca por alternativas que percebam as publicações de História, buscamos diversificar as plataformas para evitar comparações de conteúdos e perceber que a atuação em mais de uma rede social pode diferir sobre o público-alvo que acessa o conteúdo de História. O canal outro canal analisado está sitiado no YouTube, e seguiremos a premissa ética de não-divulgação dos sujeitos, nomeando-o de canal TC.

A análise mais superficial da linguagem utilizada denota que a busca de um diálogo com uma audiência com alguma maturidade, porém de maneira indefinida, considerando que o conteúdo das publicações varia entre exposição sobre curiosidades de História Local, discussões sobre questões de vestibular, densos debates acadêmicos e entrevistas de temática variada. A estratégia despojada de publicação realizada no canal TC pode ter de atrair um público diverso: desde estudantes em idade de prestar vestibular, formandos e acadêmicos do curso de História e o público geral que busca acessar alguns debates temáticos.

Em números, o canal tem uma constância de publicação que varia de um a três meses. As temáticas escolhidas apresentam um teor muito parecido com a lógica de outras redes sociais, como o Facebook, em que as páginas que recebem engajamento pela aderência de seguidores ao conteúdo que lhes interessa, e menos pela constância de publicações, diferente do Instagram. O YouTube não segue nenhuma das duas lógicas: segue um modelo mais utilitário, voltado a quem busca algum aprofundamento audiovisual em um tempo curto, quase encapsulado em formato de “pílulas”. Os criadores desse tipo de conteúdo formularam modelos de publicações que adotam padrões e modelos diretamente ligados ao tempo que sua audiência pode se dedicar para consumir o conteúdo. Isso leva a refletir que, no caso do YouTube a adesão ao canal é efetiva possivelmente pela importância que se dá ao conteúdo e pela duração de cada vídeo a ser consumido. Portanto, esta rede expõe uma necessidade quantitativo de visualizações para que a organização algorítmica que rege as sugestões de conteúdo da plataforma a partir dos interesses de cada usuário da rede social. O conteúdo em si, não será considerado por uma audiência leiga – a “credibilidade” da sugestão resultará das avaliações que os usuários fazem do vídeo, do número final de avaliações positivas e da quantidade de

inscrições naquele canal. E mais, a bonificação monetária oferecida pela plataforma desses canais também depende desses mesmos fatores de interação com a audiência.

No entanto, o canal TC não segue a cartilha do modelo produtivista que a rede social impõe. Assim, só acessará aquele conteúdo quem busca de maneira bem específica sobre a temática, além daqueles que chegaram a produção audiovisual por meio de divulgação. As publicações com maior número de acessos (aproximadamente três mil visualizações em 3 vídeos) apontam para temáticas focadas na resolução de questões ou debates acadêmicos de História. Considerando que o responsável pelo canal TC é um professor efetivo do estado, podemos considerar que esta não é uma atividade de dedicação exclusiva. Portanto, é importante destacar o esforço de produzir material com intenção educar e informar.

Ao que parece, o objetivo não é alcançar uma audiência, mas proporcionar a criação de um arquivo de acesso público facilitado que proporcionará aos interessados o acesso aos debates das mais variadas perspectivas da História.

Outro fator que deve ser mencionado, diz respeito às postagens produzidas no ano de 2020: aulas gravadas no regime de isolamento social direcionadas a alunos de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental: Anos Finais. São as primeiras publicações do canal TC e provavelmente, o incentivo ao desafio de se aventurar no trabalho educativo de História Pública Digital. Os vídeos são produzidos em um contexto do qual os professores começam a desenvolver atividades públicas de História em mídias digitais, buscando entender o modelo e adaptar seus planos de aula ao regime de ensino remoto. A análise do conteúdo divulgado no canal TC demonstra o desenvolvimento processo de aprendizado sobre a utilização de mídias digitais na prática de ensino quase como um resultado das experimentações nas edições dos vídeos alinhada a análise da prática de sala de aula e do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões mais importantes que puderam ser feitas neste trabalho, versam nas discussões sobre Ensino de História, mais especificamente e, também, na compreensão sobre Cultura Histórica e Cultura Escolar. Para tal, foi importante buscar compreender dois aspectos: o contexto do espaço digital (ou *cyberespaço*) e o uso cotidiano de meios digitais para acesso à informação dos jovens. Compreendendo os aspectos desse espaço

e a presença de jovens com uma dinâmica de consumo de conteúdo digital, buscamos avançar a análise sobre História Pública Digital. O uso da compreensão de produção de História em um campo aberto, onde se pretende acessar a divulgação dos debates de História, mas compreendendo o “digital” como espaço a ser analisado e trabalhado utilizando métodos de análise próprios da História, aproveitando-se da perspectiva debatida por Serge Noiriet (2015), que consideram as metodologias próprias da História, que já se propõe essencialmente multidisciplinar, para analisar academicamente o ambiente digital. Esta percepção é fundamental é preciso estar alinhada ao entendimento das subjetividades presentes no processo de ensino aprendizagem. E que, portanto, é necessário ter preocupação com uma formação que reproduz práticas de ensino focalizadas no conteúdo e aquém dos saberes e criticidades históricas que os sujeitos podem desenvolver no processo de aprendizagem. Nesse sentido, concordamos com Caimi (2015) quando afirma:

Neste aspecto, é paradoxal verificar como persiste, nos meios acadêmicos, a concepção de que, para ensinar História, basta a apropriação, nos cursos de formação, pelo futuro professor, dos conhecimentos históricos produzidos e sistematizados pela historiografia e pela pesquisa histórica, negligenciando-se a preocupação com estudos sobre a aprendizagem, ou seja, com a construção das noções e dos conceitos no pensamento da criança ou do jovem. (CAIMI. 2015, p.21)

Portanto, consideramos as práticas de ensino aprendizagem atribuindo a devida importância de incentivar a criticidade de ensinar História, baseando-se na afirmação de Cerri (2011, p. 59) quando diz que é preciso “[...] conhecer, mesmo que superficialmente, sobre a história das coisas que nos cercam e com as quais interagimos[...]”, além de Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996), que discute todas as possibilidades de ensinar-aprendendo a formar alunos, lhes incentivando a característica de autonomia e criticidade.

Essas ponderações incentivaram o entendimento de uma possibilidade e necessidade de aprender a discutir, ensinando com História Pública Digital e sobre História Pública Digital. A possibilidade parte das dificuldades diversas que temos para acessar o espaço digital com eficácia, mas também para incentivar um discurso de criticidade e debate em campo aberto ao público e claro, que respeite a ciência.

Em outras palavras, abrir possibilidade de debates sobre o processo de construção de um produto de História Pública Digital sobre Ensino de História pode fomentar, além

de novas discussões e perspectivas, a criação de um espaço diverso e de novas possibilidade de construção em atividades na escola.

Ao mesmo tempo, as dificuldades apresentadas para esse tipo de produção demonstram a necessidade de vinculação institucional do projeto. O principal a considerar, é a estrutura fornecida pelo espaço da Universidade. Também é importante considerar que a característica de construção de uma rede interacadêmica e intercultural que é própria da desse espaço.

Essa característica fortalece a ideia de que a proposta das atividades seja construída por historiadores em diversos níveis de formação, formando-se em História, iniciando na docência ou professores/as de carreira consolidada: todos e todas tem experiências para contribuir e ideias para trocar nesse tipo de atividade.

A ideia inicial que gestou esta pesquisa pretendeu entender a percepção dos alunos sobre o Ensino de História e produção de História Pública no espaço da escola. Infelizmente, as dificuldades já citadas em outros momentos desta pesquisa, que implicam no cumprimento de prazos e manutenção das obrigações na escola, limitam o tempo hábil para o pesquisador se dedicar a um trabalho com tamanha magnitude e importância. Há de se considerar ainda, outros cenários burocráticos a enfrentar dentro de um prazo curto, a considerar a especificidade do Mestrado Profissional em Ensino de História, do qual professores pesquisadores, muitas vezes, não ter possibilidade de afastar-se da função profissional para se dedicar exclusivamente a pesquisa. Mesmo com essa mudança de percurso, a pesquisa realizada pode abrir discussão para a perspectiva de professores sobre as possibilidades digitais e o desenvolvimento de debates sobre a temática de maneira formativa para o ensino-aprendizagem de História.

Seguindo a lógica do tempo e das dificuldades de historiadoras e historiadores em função de docência, o tempo despendido de maneira individual para a manutenção deste debate exacerba as possibilidades de conciliação e tempo. Poderíamos aqui, idealizar uma série de possibilidades outras que garantiriam que a proposta de produto desta pesquisa não necessariamente precisasse se vincular institucionalmente, e se mantivesse estritamente no âmbito privado. Infelizmente, a combinação de cenários fadaria esse tipo de proposta a se descompor precocemente. Não é impossível, mas é uma sobrecarga. É importante que se considere e seja discutida, na produção acadêmica, a saúde mental de professores, deste modo, evitando que o excesso de trabalho seja um fator de

adoecimento. Aqui, nos importa manter as atividades de maneira formativa, unindo interessados em explorar discursos e atividades de História Pública Digital através de criação de conteúdo e debate constante, que ganha corpo de trabalho, mas necessita de espaço, necessariamente para reunir, produzir, discutir e arquivar.

O mesacast *PodHisto!* tem como proposta-base agregar a maior diversidade possível de perspectivas de professores para discutir História Pública Digital e mídias digitais no Ensino de História. Efetivamente, esta possibilidade se materializa, além das diversas estratégias de ampla divulgação, no interesse em divulgar além do áudio, vídeos com audiodescrição, publicado em um *vlog*, possivelmente publicado no YouTube e publicizado através de cortes em redes sociais. Para alcançar essa diversidade de professores e ideias sobre a temática principal explorada pelo mesacast, por outros olhares, outras vivências. O acesso a estas pessoas pode ganhar corpo através dos comentários da audiência, que ficam registrados no *vlog* ou na rede social que será criada para divulgação e administrada por aqueles que estão gerindo as atividades do *PodHisto!* no momento em questão.

A criação de registros de vivências de professores em sala de aula e online, as redes de contato que se formam nesse tipo de atividade, as possibilidades de explorar métodos de atuar online, submetidos ao olhar crítico de historiadoras e historiadores, podem gerar perspectivas para trabalhos que fomentem essa criticidade em sala de aula, ou sejam, frutíferas para outras produções, não só sobre História Pública Digital, mas também na discussão de outros conceitos e linhas de pesquisa.

As atividades descritas poderiam ser trabalhadas na criação de Disciplina de Oficina aberta para graduação e pós-graduação. Além dessa possibilidade, as produções que trazem debates sobre Ensino de História contendo uma vasta e diversa possibilidade de registros de relatos, debates, e/ou entrevistas, podem construir um banco de dados valioso para futuras pesquisas sobre a temática.

Enseja-se, portanto: a partir do trabalho com mídias digitais e História Pública, formular entendimentos advindos de diversos olhares sobre como é ensinar e aprender História sobre e através das mídias digitais. Como afirmado anteriormente, buscando a compreensão sobre as diversas manifestações das pessoas, percebendo as mudanças e permanências do meio digital. Buscando, por fim, aprender a ensinar sobre criticidade no

meio digital. Para além, entender, mesmo que superficialmente, a historicidade do digital e incentivar, a professores e estudantes de História, a praticá-la.

Ao longo desta pesquisa, buscando levantar alguns exemplos que poderiam contribuir para o embasamento e produção desta pesquisa a partir das discussões de História Pública, o vlog intitulado MITECHIS¹⁴ possibilitou uma série de reflexões sobre o modelo de publicização de eventos acadêmicos com amplificação em ambientes públicos digitais. O modelo de utilização do Youtube para fazer transmissões ao vivo de eventos acadêmicos online, replicando o modelo de apresentação de seminários acadêmicos, aproveitando-se dos recursos de tecnologias digitais. A facilidade de reunir discursos, pesquisas e outras possibilidades de acessar estudiosos e seus estudos, fomentando debates.

As principais considerações sobre o modelo de apresentação advêm da similaridade do formato com eventos acadêmicos. A maior divergência entre o mesacast que deriva deste trabalho é a atenção discursiva. As ideias que pretendem uma maior acessibilidade, em um sentido de propagação e consumo deste meio, dependem de que alguns formatos de sucesso sejam replicados, recriados ou adequados à proposição. Essa medida não significa diretamente uma simplificação discursiva, mas, entendendo que a diversificação e desprendimento relativo aos formatos que já funcionam bem no presencial.

Pretende-se, então, buscar criar em larga escala, que o som dos debates ecoe por diversos aparelhos, com apresentação dinâmica e fruição discursiva, para que se consiga encaixar nos afazeres cotidianos, sendo utilizado o seu potencial para encaixar em deslocamentos dentro da cidade ou que seja acessado de maneira simultânea a outras tarefas do cotidiano do professor.

Uma outra questão importante de ser pontuada, é o desafio de pesquisar e produzir um material de História Pública nos moldes da proposta acadêmica a qual este trabalho será apresentado. Enquanto mestrando, ou seja, estudante, é necessário exercer a crítica

¹⁴ Grupo de Pesquisa CNPq em Mídias, Tecnologias e História da Universidade Federal do Tocantins, liderado pelo Prof. Dr. George Seabra Coelho. O MITECHIS tem como objetivo central discutir e problematizar os usos e as apropriações das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Pesquisa Histórica, no Ensino de História, na Aprendizagem Histórica, com ênfase na formação inicial e continuada de professores de História e historiadores.

refletindo profundamente sobre as condições que são oferecidas para realização de uma pesquisa. É importante afirmar que não é possível ler sobre teoria, sem que isso tenha um reflexo na vida e no cotidiano deste pesquisador. Dentre todas as reflexões, esta foi uma das mais difíceis, porém necessárias de contextualizar e tomem sentido no proceder da pesquisa. Porém, é interessante destacar que o entendimento de atuar enquanto professor-pesquisador, tendo em vista que

Ensinar é uma tarefa complexa. O exercício da docência pressupõe um agente responsável pela orientação de práticas, transmissão de informações, descoberta de novos dados, bem como alguém que aprende e por caminhos os mais diversos, de acordo com seus estágios de desenvolvimento cognitivo e interesses, por exemplo. Em outras palavras, ensino e aprendizagem caminham juntos e o processo exige relação entre saberes e envolve pessoas em posturas interpessoais. (AZEVEDO, 2012. P. 110)

Outras questões surgem no entorno deste profissional, no exercício do ofício, para além de todas as questões que nele refletem. Pensar, produzir e atuar, nas condições atuais, demandam um exercício desafiador em algumas situações. A construção cultural recente considera uma preocupação com a saúde mental e com outras características subjetivas dos sujeitos. As adversidades combinadas com as condições subjetivas podem influir diretamente em todo esse processo. Isto é, não serão todos os sujeitos que conseguem suprir as necessidades de combinar as atividades acadêmicas e profissionais.

Não é possível conjecturar sobre o que mudaria qualitativamente neste trabalho, se tivesse tido a oportunidade empregar dedicação exclusiva na atuação acadêmica. No entanto, posso afirmar que a tarefa poderia ter demandado um tempo que pudesse garantir qualidade de vida e saúde, das quais não foram possíveis de manter de maneira plena. Citadas muitas vezes por jornalistas como “o mal do século XXI”¹⁵, depressão e ansiedade acometem pesquisadores e é discutir o quanto as condições para a produção podem agravar o adoecimento. Esta preocupação é expressa pela comunidade acadêmica como, por exemplo, a reflexão publicada na plataforma Jornal da USP, escrita por Tibor

¹⁵ Disponível em: https://www.em.com.br/colunistas/comportamento-e-saude-mental/2023/11/6655546-ansiedade-e-depressao-sao-consideradas-mal-do-seculo-e-seguem-acometendo-mais-pessoas-desinformadas.html#google_vignette Acesso: 28/05/2024.

Rabóczkay¹⁶, professor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, “É preciso cuidar da saúde mental dos pesquisadores”. Não é raro lidar com relatos de cansaço mental causado pelo esforço das atividades acadêmicas. Isto torna-se mais aprofundado quando entendemos a organização da profissão de professor, em um cenário de alto custo de vida, salário insuficiente, podendo acumular mais de um vínculo de trabalho, que acumula turma por cima de uma necessidade de refletir e produzir academicamente sobre a prática de ensino e processo de aprendizagem de seus alunos. Não é tarefa fácil. As cobranças não partem somente da necessidade de cumprimento de prazos, mas da própria necessidade de afirmação que se faz necessária na lógica econômica capitalista.

Perde-se, entre outras coisas, o direito à distração, diversão, ócio, descanso e de leitura descontraída. O que poderia ser um processo de procura, de exercício da curiosidade, torna-se uma tarefa enfadonha, que afasta muito mais do que aproxima da academia. Não afirmo categoricamente que é um problema da organização acadêmica, mas do modelo de ensino que demanda produtividade e resultados. A curiosidade se perde em um processo que se interessa em descobrir, melhorar e oferecer possibilidades. Se apegar a ousadia de entender e criar facilidades, e oferecer algum deleite descontraído em refletir sobre o ofício do Historiador, viabilizou a escrita desta dissertação.

O produto desta pesquisa pretende ligar uma audiência carismática e entusiasmadamente, ao prazer de estudar História. Que o professor se apoie e se reencontre no meio de suas angústias, refletindo sobre os planejamentos que possibilitaram bons resultados ou aprendizados. Que o professor procure a formação pelo interesse e deleite proporcionado, em alguma escala, pela pesquisa, e só não pela necessidade mercadológica do sistema.

16 Disponível em: <https://jomal.usp.br/artigos/e-preciso-cuidar-da-saude-mental-dos-pesquisadores> acesso: 28/05/2024

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE RORAIMA**”. Meu nome é Denis Renan Nojoza Moura, sou o(a) pesquisador(a) responsável e minha área de atuação é mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, orientado pela prof.^a. Dr^a. Carla Monteiro de Souza - Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima (CCH/UFRR). Av. Cap. Ene Garcês, 2413 - Aeroporto, Boa Vista - RR, 69310-045. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail (denis.renan1@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (095)98123-6371. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** – colegiado responsável por revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas – CEP/UFRR: Av. Cap. Ene Garcez, 2413 - Aeroporto (Campus do Paricarana), CEP: 69.310-000, Boa Vista/RR, Bloco 7, sala 737, segundo andar (entrada principal, sobe para o segundo piso, vira à direita, última sala do corredor, à direita). E-mail: coep@ufrr.br.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE RORAIMA

JUSTIFICATIVA

Na vivência do ambiente escolar contemporâneo é possível perceber o espaço ocupado pela tecnologia, considerando o acesso de jovens a smartphones e dinâmicas das redes sociais. No meio de toda essa movimentação, estão os professores e professoras de História – procurando debater as diversas ações das pessoas no tempo. Mas se faz necessário problematizar o consumo das redes sociais e de informação.

É importante perceber a urgência das discussões sobre o uso das tecnologias da informação na educação pois, na atualidade esses meios de comunicação contribuem para a formação sociocultural dos estudantes. Mas qual História? O processo de ensino aprendizagem da História propõe uma criticidade em relação as fontes e narrativas. Visualizar, portanto, a História no mundo virtual e incidir criticamente sobre esses espaços. Este trabalho propõe uma discussão relevante no campo do Ensino de História debatendo o uso de recursos didáticos com uma proposta, não só de aprendizado sobre a História Digital, mas também é possível afirmar que a produção de conhecimento escolar e sobre Ensino de História que perpetua o debate sobre a temática produzindo conhecimento, por meio da proposta de produto, já testado no ambiente escolar de Boa Vista.

Assim, ressalto a importância e contribuição dos relatos de experiências e avaliações das professoras e professores que serão ouvidas/ouvidos registrados nos *podcast*. Trazendo sua perspectiva teórica e metodológica de Ensino de História, será possível perceber alguns aspectos diversos de como se desenvolve o ensino aprendizagem em História, a partir do trabalho com as Tecnologias da Informação e Comunicação.

OBJETIVOS

Analisar a importância e contribuição da utilização de mídias digitais como recurso didático no Ensino de História a partir da percepção dos professores do Ensino Fundamental 2 atuantes nas escolas públicas de Boa Vista – Roraima.

Objetivos específicos:

- 1 – Discutir o Ensino de História, relacionando a necessidade de articular operações próprias do historiador ao meio digital e sua relação com no processo de Ensino Aprendizagem de História em Boa Vista – RR.
- 2 – Investigar e registrar a percepção dos professores do Ensino Fundamental 2 que já usaram ou usam mídias digitais como recurso didático e suas contribuições para a construção de saberes escolares numa perspectiva de Ensino Aprendizagem de História.
- 3 – Registrar e debater as experiências de professores/as de História com a utilização de mídias digitais em sala de aula, por meio da fala e da escuta na produção de podcasts.

1.2 Procedimentos utilizados da pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

Nesta pesquisa, faremos uma entrevista temática, discutindo alguns pontos relevantes para o Ensino de História e utilização de Mídias Digitais nesta categoria. A partir da experiência e vivência dos entrevistados sobre a utilização desses métodos, poderemos discutir as condições e possibilidades, além dos desafios do professor e pesquisador no âmbito do Ensino de História. Deste modo, a entrevista em formato de podcast estará em “movimento digitalizado”, possibilitando sua disponibilidade para acesso e contribuição do público. Nesta fase, serão registradas voz, imagem e opinião do entrevistado sobre a temática a ser debatida.

☐ Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

☐ Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Obs2.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

- 1.3 Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variados, sendo que nesse estudo estes são mínimos e se relacionam com a possibilidade de você se sentir constrangido durante a coleta das informações. Saiba, entretanto que você não está obrigado a responder a todas as perguntas e tem a liberdade para interromper a sua participação no estudo a qualquer momento.
- 1.4 O custeio dos meios de garantia do entrevistado na pesquisa (ex.: contato, transporte e alimentação) estarão sob a responsabilidade do pesquisado.
- 1.5 Esta pesquisa preza pela garantia do sigilo, assegurando a privacidade e o anonimato dos/as participante/s. Do contrário, caso seja do interesse da pesquisa a identificação do participante, faz-se imprescindível deixar claro a ele/ela que também que haverá a divulgação do seu nome quando for de interesse do/a mesmo/a ou não houver objeção.

() Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

ASSINATURA DO ENTREVISTADO/A

() Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

ASSINATURA DO ENTREVISTADO/A

- 1.6 Aos participantes desta pesquisa está garantida expressamente a liberdade do/a participante de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, **em qualquer fase da pesquisa**, sem penalização alguma;
- 1.7 Aos participantes desta pesquisa está garantida expressamente a liberdade do/a participante de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;

1.8 Declarar aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

1.9 Informação ao/à participante sobre o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;

1.10 Esta pesquisa fará o *armazenamento em banco de dados pessoal ou institucional*. Toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do CEP institucional e, quando for o caso, à CONEP. Assim, visando a execução de investigações futuras:

a) As informações coletadas serão utilizadas para o enriquecimento de debates sobre Ensino de História e uso das Mídias Digitais para professores/pesquisadores, assim, justificando a necessidade, relevância e oportunidade para usos futuros do material que fora coletado;

b) Os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

c) As produções de podcasts serão divulgadas em plataforma de streaming que comporta o amplo acesso aos podcasts. Ao participante desta pesquisa, será garantida a propriedade intelectual e ideológica divulgada na gravação em questão;

d) um box será disponibilizado para que os/as participantes autorizem a guarda do material coletado para uso em pesquisas futuras:

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em

participar do estudo intitulado
 “.....”. Informo ter mais de 18
 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário.
 Fui devidamente informados(as) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável
 sobre a pesquisa, os procedimentos
 e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de
 minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a
 qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que
 concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

BOA VISTA, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

**Formulário - MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA REDE
PÚBLICA DE RORAIMA**

Objetivo: Discutir as experiências de professores sobre as experiências na utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino de história.

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail*

Seu e-mail

Já utilizou Mídias Digitais em suas aulas?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Com que frequência utiliza Mídias Digitais no Ensino de História?

- ☐ Somente em uma aula.
- ☐ Mais de duas vezes.
- ☐ Utilizo esporadicamente.
- ☐ Utilizo com muita frequência.

Pode relatar brevemente alguma experiência?

Sua resposta

Qual o tema/conteúdo do produto da atividade?

Sua resposta

Como foi o engajamento da turma?

- ☐ Participação satisfatória dos/das alunos/alunas
- ☐ Participação parcialmente satisfatório dos/das alunos/alunas
- ☐ Participação pouco engajamento dos/das alunos/alunas
- ☐ Nenhum engajamento dos/das alunos/alunas

Recebeu algum feedback ou realizou alguma autoavaliação da atividade?

Sua resposta

O produto dessa atividade com os alunos foi disponibilizado online? Existe algum dado percentual de acessos ou comentários que avaliem a atividade?

Sua resposta

Quando realizou a atividade utilizando a produção ou análise de mídias digitais, tinha conhecimento de alguma produção acadêmica que proporcionou uma base para a organização da atividade em classe?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Houve algum interesse em transformar a atividade em projeto? Se não houve, quais suas percepções sobre os motivos para a não continuidade do projeto?

Sua resposta

A escola na qual essa atividade foi produzida, ofereceu uma estrutura adequada para a realização da atividade?

- ☐ Sim.
- ☐ Sim, mas necessitei de recursos/equipamentos próprios.
- ☐ A escola não oferece estrutura de laboratório de Informática ou algo parecido.

Tem interesse para participação na gravação de um episódio de Podcast sobre Mídias Digitais e Ensino de História? *

- ☐ Sim, pode entrar em contato via e-mail.
- ☐ Não.

Caso tenha interesse em participar da gravação poderia informar número de telefone ou endereço para contato?

Sua resposta

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabelo de.; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira(org.). **Introdução à história pública**. São Paulo : Letra e Voz, 2011.

BATISTA, Mônica de Lourdes Souza et al. **Um estudo sobre a história dos jogos eletrônicos**. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery-<http://re.granbery.edu.br>-ISSN, p. 0377, 2018.

BEZERRA, Larissa Layane; DOS SANTOS, Ronaldo Bispo. **Um Estudo Sobre Vlogs e Sua Influência na Cultura Participativa**. 2014.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, Ofício do Historiador**. Apresentação brasileira Lilian Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAGA, Matheus Fellipe Rodrigues. **A crítica da história em Nietzsche**. 2021. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação (História) - Universidade Estadual de Goiás, Uruaçu - GO.

BRASIL. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Acesso Domiciliar À Internet E Ensino Remoto Durante A Pandemia**. Brasília: IPEA, 2020. 16 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>. Acesso em: 23 dez. 2020.

BRASIL. SENADO NOTÍCIAS. **Ataques Em Escolas Estão Ligados Ao Neonazismo, Dizem Especialistas**. Agência Senado, 2023. 05/05/2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/05/ataques-em-escolas-estao-ligados-ao-neonazismo-dizem-especialistas>. Acesso: 17/11/2023

CAIMI, Flávia Eloisa. **Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica**. In: Ensino de História: usos do passado, memória e mídia. FGV Editora, 2014.

_____. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo, vol. 11, núm. 21, julho, 2006, pp. 17-32 Universidade Federal Fluminense Brasil.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História Pública E Redes Sociais Na Internet: Elementos Iniciais Para Um Debate Contemporâneo.** Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p.

GEMELLI, Catia Eli. **A Quem Serve A “Neutralidade”? Análise Do Movimento Escola Sem Partido À Luz Da Ideologia Gerencialista.** V. 18, nº 35 - 2020 (jan-abr). “Revista Trabalho Necessário” Niterói UFF,

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica.** – Rio de Janeiro: FGV, 2011. (Coleção FGV de bolso. Série História).

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné.** Paris, Ed. La Fenseé Sauvage, 1991.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de História e historiografia escolar digital.** Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças.** São Paulo: Vestígio, 2021. Tradução de Mauro Pinheiro.

DEWES, João Oswaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos.** (Monografia) Bacharelado em Estatística - Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. **Os Conceitos De Professor Pesquisador E Professor Reflexivo: perspectivas do trabalho docente.** Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 65 abr.-jun. 2016

FERNANDES, Domingos. **Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: Questões teóricas, práticas e metodológicas.** In M.P. Alves e J.-M. De Ketele (Orgs.), Do currículo à avaliação, da avaliação ao currículo, pp. 131-142. Porto: Porto Editora, 2011.

FERREIRA DE SOUZA, Raone. **Usos e possibilidades do Podcast no Ensino de História / Orientadora:** Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - UFRJ, 2016.

FINGER, Vinícius. **História, Mídia Digital E Anti-Ciência: A Quimera Narrativa Do Canal *Brasil Paralelo***. *Historiæ*, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 83-104, 2021

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. **Professor Reflexivo:** Uma Integração Entre Teoria E Prática. *REI: Revista de Educação Ideau*; Vol. 8 – Nº 17 - Janeiro - Junho. Instituto de Desenvolvimento e Educação do Alto Uruguai, 2013.

FONTES, Fernanda Gonçalves. **Jogando Minecraft Na Aula De História:** Práticas Integradoras e Gestão de Currículo, p. 34, 2012.

FRANCISCO, Pedro Augusto P.; VALENTE, Mariana Giorgetti. **Da Rádio Ao Streaming:** ECAD, direito autoral e música no Brasil. Beco do Azougue, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários para a prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GUERREIRO, D.; BORBINHA, J. **Humanidades Digitais:** Novos Desafios E Oportunidades. *Revista Internacional Del Libro, Digitalización Y Bibliotecas* Volume 2, Número 2, 2014.

CARVALHO, Guilherme Paiva de. **Uma Reflexão Sobre A Rede Mundial De Computadores.** Brasília, v. 21, n. 2, p. 549-554, maio/ago. 2006

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2006

JUNIOR, LIMA; CORREA, Eliud Falcão. **“E-stória”:** o ensino de história e os jogos digitais-um estudo de caso através da plataforma Kahoot!. 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Jades Daniel Nogalha de; KOCHHANN, Andréa. **O “Podcast” Como Ferramenta De Letramento No Ensino De História:** Um Relato De Experiência. *Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.* Anápolis: Revelli, v. 14, 2022.

LIMA, José Cunha; LIMA, Janete Cunha. **Discutindo Educação A Partir Do Ensino De História E A Cultura Histórica.** Aprendizagens Históricas: ensino de história. Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018.

MALERBA, Jurandir. **Os Historiadores E Seus Públicos:** desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 37, nº 74, 2017

MALLMANN, Elena Maria; JACQUES, Juliana Sales. **Recurso Didático Digital:** Complexidade Da Performance Docente Na Produção (Hiper)Textual. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 11, n. 2, p. 53-70, jul./dez. 2015.

MISKOLCI, Richard. **Novas Conexões:** notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Revista Cronos*, v. 12, n. 2, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria FC. **A História Ensinada:** algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, v. 9, p. 9-35, 2003.

MORGADO, Tamiris Aparecida Bueno; DE SOUZA NUNES, Amanda Cristina; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A História Vista De Baixo E As Resistências Nas Instituições Educativas.** *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 1, p. 4668-4675, 2022.

MOURAD, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira; DAMBROS, Gabriela. **Materiais didáticos interativos para o ensino de História:** Identificação, limites e potencialidades. XXI Jornada de Ensino de História e Educação Revista do Lhiste, Porto Alegre, v.2,n.3 , 2015

NETTO, Ernesto Padovani. **Consciência Histórica, Tempo E Identidades:** reflexões para o ensino de história. *Aprendizagens Históricas: ensino de história.* União da Vitória/Rio de Janeiro: LAPHIS/Edições especiais Sobre Ontens, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre história.** Edições Loyola, 2005.

_____. **Segunda consideração intempestiva:** da utilidade e desvantagem da história para a vida. Relume Dumará, 2014.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital.** Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, 2015

NORA, P. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. PROJETO HISTÓRIA 10: 07-28, dez. 1993

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

OLIVEIRA, Carla Mary S. e MARIANO, Serioja Rodrigues C. (orgs.). **Cultura História e Ensino de História.** João Pessoa: UFPB, 2014.

PRIMO, Alex. **O Aspecto Relacional Das Interações Na Web 2.0.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.

RAMOS, Guilherme. **Brasileiros Passam Mais da Metade de Suas Vidas na Internet, Estima Pesquisa.** Techtudo, 2022. 06/05/2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/ymruz7tb>. Acesso: 18/02/2024.

RIBEIRO, Ana Isabel; TRINDADE, Sara Dias. **O Ensino Da História E Tecnologias:** conexões, possibilidades e desafios no espaço das Humanidades Digitais. Educação no Ciberespaço. Novas configurações, convergências e conexões. p. 133-146. Editora Universitária Tiradentes/Whitebooks, Aracaju/Santo Tirso, 2017.

RIBEIRO, Kelly. **Professora é afastada após abordar livro de Conceição Evaristo em Aula.** Uol, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/11/22/professora-e-afastada-apos-abordar-livro-de-conceicao-evaristo-em-aula.htm>. Acesso 17/11/2023

ROVAI, Marta Gouveia de O. **Publicizar Sem Simplificar:** o historiador como mediador ético In: ALMEIDA, Juniele R.; MENESES, Sônia. *História pública em debate:* patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018

_____. **História Pública:** um desafio democrático aos historiadores In Coleção História do Tempo Presente: volume 2 / Tiago Siqueira Reis et al. organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020

RORAIMA. Diário Da Assembleia Legislativa Do Estado De Roraima. Ed. 2381, p. 02, 14. Out. 2016, Boa Vista: ALE – RR, 2016. Disponível em: <http://www.al.rr.leg.br/diarios/diarios-2016/2016-out>.

SEABRA, George Leonardo; DOS SANTOS, Christiano Britto Monteiro; DA SILVA, Fillip Julia. **Roteiros De Gameplay E Ensino De História:** experiências didáticas prática docente. Revista Tecnologia e Sociedade, v. 19, n. 58, p. 394-410, 2023.

SILVA, Daniel Pinha. **Ampliação E Veto Ao Debate Público Na Escola:** história pública, ensino de história e o projeto “Escola sem Partido”. *In:* Revista Transversos [Dossiê História Pública: escritas contemporâneas de História], Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 11-34, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/issue/view/1384/showToc>. Acesso em: 25 nov. 2020

SILVA, João Carlos da. **Educação E Alienação Em Marx:** contribuições teórico-metodológicas para pensar a história da educação. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.19, p.101 - 110, set. 2005.

SOUSA, L. D. de .; CANCELA, L. B. .; ALMEIDA, F. A. de .; COELHO, M. A. P. C. **A Linguagem Híbrida Das Mídias Digitais Na Escola.** Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021.

SOUZA, Salete Eduardo. **O Uso De Recursos Didáticos No Ensino Escolar.** Arq Mudi. 2007;11(Supl.2):110-4.

TENENTE, Luiza; SANTOS, Emily. **Inteligência Artificial Para Formular Material das Escolas Públicas de São Paulo:** Veja análise de especialistas. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p523mcu> acesso em 24.04.2024

TORQUATO, R. A.; TORQUATO, N. M. M. **Maquetes Virtuais:** o uso pedagógico do Minecraft na disciplina de história nos anos finais do Ensino Fundamental. Redin-Revista Educacional Interdisciplinar, v. 6, n. 1, 2017.